

CORNELIA FUNKE

Os

CAÇADORES

de

Fantasmas

e a
assombração
de fogo

Tradução:
José Feres Sabino



Escarlate

Cornelia Funke

Os Caçadores de Fantasma e a assombração de fogo

Com ilustrações da autora

Tradução: José Feres Sabino

1ª edição

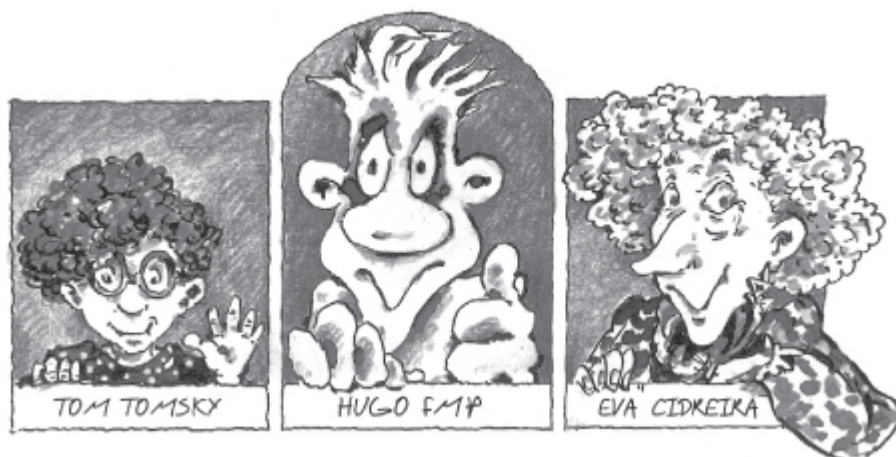


Para Marion e os homens da sua vida.





Apenas uma pequena viagem
Estrago causado por assombração
O primeiro encontro com a espécie de fogo
Ataque no elevador
O quarto andar
Ruim, ruim, ruim
E agora?
Que alvoroço!
Assombração durante a tarde
Um susto à noitinha
Um grande fogo de artifício
A ideia redentora
Espíritos retirados da garrafa térmica
Relação de siglas do caçador de fantasmas
A autora



Se me permitem, antes vou apresentar os três. Atualmente, eles são os caçadores de fantasmas de maior sucesso.

Eva Cidreira já é há muitos e muitos anos uma famosa especialista na área de expulsão de fantasmas e, desde seu primeiro caso em equipe, que por sinal foi bastante perigoso, atua com os assistentes Tom Tomskey e Hugo, o [FMP \(Fantasma Medianamente Pavoroso\)](#). Consta no cartão de visitas: Cidreira & Cia. — Expulsão de fantasmas de qualquer espécie.

Na verdade, é raro que haja alguma assombração que pudesse amedrontar esses três especialistas, mas o caso que este livro conta foi para os experientes caçadores de fantasmas da Cidreira & Cia. realmente um caso de pegar fogo, em sentido literal...

Espero, portanto, que você esteja sentado e bem acomodado em um lugar o mais claro possível, algo de que, como se sabe, fantasmas não gostam, e esteja vestido com alguma roupa vermelha, algo de que, como se sabe, fantasmas não gostam de jeito nenhum, pois agora a história vai começar...



É sempre assim: aventuras perigosas começam de uma maneira bem inofensiva.

Num lindo dia de outono, Eva Cidreira, a famosa caçadora de fantasmas, recebeu uma carta. Era de Álvaro De Prestígio, diretor de um elegante hotel na beira da praia, que aparentemente estava com alguns probleminhas desagradáveis, que só podiam ser atribuídos a assombrações. O diretor De Prestígio solicitou, portanto, à Cidreira & Cia. uma ajuda imediata, competente e principalmente discreta.

— Ah! Outra vez um daqueles maçantes trabalhos de rotina! — a senhora Cidreira disse, suspirando. — Mas um hotel na praia não é nada mau. Uma semana na praia é sempre bacana.

Infelizmente, no entanto, tudo não passou de um grande equívoco.

Eva Cidreira convocou os assistentes, Tom Tomskey e Hugo FMP, colocou os equipamentos básicos para a caça de fantasmas na mala e partiu com os dois num sábado, dia 5 de outubro, de trem para a Praia do Lavagante.

Como disse, tudo começou de maneira bem inofensiva.

Por causa de Hugo, a senhora Cidreira tinha reservado uma cabine inteira. Afinal, nem todo viajante suporta ver um FMP, mesmo que essa espécie de fantasma seja a mais inofensiva. Dentro da cabine, Tom, antes de tudo, fechou todas as cortinas, porque FMPs não suportam a luz do dia.

— Hugo, você já pode sair — ele disse, largando a mochila no assento.

— Epaa! Uum pouuco de cuiidadoo, poor favor! — Hugo reclamou ofegante, e o terceiro integrante do famoso trio de caçadores de fantasmas saiu da mochila, bamboleando.

— Que horror! — ele reclamou. — Eeu odeioo viajar. Viaajaar éé hoorríveel!



— Meu querido Hugo — disse a senhora Cidreira enquanto colocava sua mala no bagageiro e uma garrafa térmica com chá sobre a mesinha ao lado de seu assento —, você nem precisava ter vindo, foi a primeira coisa que disse ao telefone. Sua ajuda nesse caso com certeza não será necessária. E você não vai querer ficar na praia de jeito nenhum, ou vai?

— Muiiito engraaaçaadooo! — Hugo assumiu sua cor azul-claro de fantasma aborrecido e sumiu no bagageiro.

— Eu também disse que não íamos precisar dele — disse Tom e se jogou num assento. — Mas mesmo assim ele quis vir.

— Atitude típica — disse Eva Cidreira. — Todo FMP é curioso demais!

Ela tirou duas canecas vermelhas de sua bolsa, um pacotinho de cubos de açúcar e uma carta amassada. Entregou a carta e os cubinhos de açúcar para Tom.

— Tome, jovem amigo — ela disse e serviu o chá.

Hugo, do bagageiro, curvou-se, curioso.

— Tire esse pé embolorado de cima da minha cabeça! — resmungou Tom, procurando decifrar a carta à meia-luz. O FMP fez cócegas com seus dedos gélidos na nuca de Tom. — Hugo, que droga, pare com isso! — gritou Tom. Irritado, ele tirou os óculos e os limpou. — Suma, vai! Essa sua respiração mofada embaça as lentes!

— Respiiraçaão moofaada? Respiiraçaão moofaada? — Hugo subiu bamboleando para o teto e lá ficou, pendurado e ofendido. — A culpa é desse cháá abomináveel!

Tom só balançou a cabeça, pôs os óculos de novo e leu em voz alta:

— “Prezado senhor Cidreira!”. Como assim, senhor? — perguntou Tom.

— Outra coisa bem típica! — disse a senhora Cidreira. — É natural que a maioria das pessoas imagine imediatamente um

homem como especialista em fantasmas. Uma besteira, mas infelizmente acontece!

— “Prezado senhor Cidreira” — continuou Tom —, “já há alguns dias que acontecem em nosso hotel misteriosos incidentes que infelizmente o bom-senso não pode esclarecer. Várias vezes, sai água quente das torneiras de maneira bastante brusca, e nosso ar-condicionado está descontrolado. Além disso, à noite, ouvem-se barulhos desagradáveis, e alguns funcionários também notaram coisas estranhas. Como o conhecimento do senhor no ramo de combate à assombração goza há muito tempo da melhor reputação, eu gostaria de lhe pedir que nos livrasse o mais rápido possível dessas perturbações. Devo pedir-lhe, no entanto, devido à boa fama de nosso hotel, que tenha total discrição. Com meu sincero abraço, assinado Álvaro De Prestígio!”. Parece que é um pequeno espírito de fogo! — Tom pôs quatro cubos de açúcar na caneca, mexeu e tomou um gole. — Calculo duas horas de trabalho!

— É o que eu imagino também — disse a senhora Cidreira. — E daí poderemos passar algumas boas horas na praia. O que você acha, hein? Enquanto isso, nosso querido amigo Hugo pode ficar no porão do hotel!

— Espíritos de fogo são ridículos! — ralhou Hugo, lá do teto. — Eeu voou...

— Silêncio! — sussurrou a senhora Cidreira. No corredor, passos se aproximavam. A porta da cabine foi aberta e o cobrador enfiou a cabeça pela cortina fechada.

— Passagens, por favor!

Com um sorriso simpático, a senhora Cidreira lhe entregou a passagem. Tom deu uma olhada apreensiva para o teto, mas Hugo tinha desaparecido atrás da mala.

O cobrador marcou as passagens, devolveu-as à senhora Cidreira, acenando com a cabeça, e, quando estava saindo da cabine, alguma coisa agarrou sua boina. Alguma coisa fria e com cor de mofo, que bamboleava. Assustado, ele olhou para cima,

viu a boina flutuando dez centímetros acima de sua cabeça, segurada por um fantasma com cabelo esvoaçante e olhos verde-água, rindo dele com sarcasmo.

— Oooooooooiiiiiii! — disse Hugo com voz abafada e acenou. Deixou cair então a boina na cabeça do cobrador e soprou bem no rosto do pobre homem sua respiração gelada e fedorenta, desaparecendo em seguida atrás da mala.



— Hugo! — Tom gritou, furioso.

O cobrador ficou ali, tremendo; ele batia os dentes com tanta força que era possível ouvir na cabine vizinha.

— Tem alguma coisa errada com as passagens? — perguntou Eva Cidreira, com sua voz calma e grave.

O pobre cobrador ainda continuava tremendo. Olhou toda a cabine com medo, mas de Hugo não se via sequer um pedacinho de sua cor de mofo.

— O senhor está procurando alguma coisa? — Tom tentou fazer cara de inocente.

O cobrador passou a mão na testa e murmurou: — Próxima parada, Praia do Lavagante! — em seguida, saiu aos tropeços da cabine o mais rápido que suas pernas curtas aguentaram, batendo a porta atrás de si.

— Ah, que FMP pateta! — a senhora Cidreira esbravejou. — Hugo, você perdeu o pouco juízo de fantasma que tinha? Esta não é uma viagem de passeio!

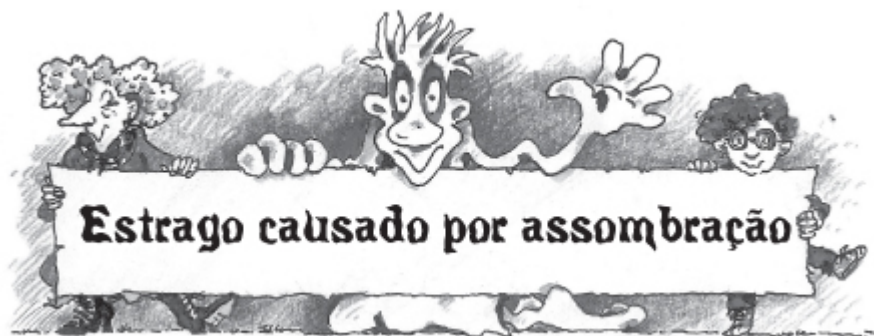
— Não apareça por aqui tão cedo! — berrou Tom para o bagageiro. — Você só dá trabalho!

— Voocês nããoo deixaam um poobre fantaasma fazer naadaa! — e saiu ofendido da mala. — Voocês nããoo sabem se diveertiir! Neem um pooucoo!

Eva Cidreira só balançou a cabeça.

— É isso que dá viajar com um fantasma. É provável que tenhamos mais dificuldades com esse FMP pateta do que com o espírito de fogo do senhor De Prestígio!

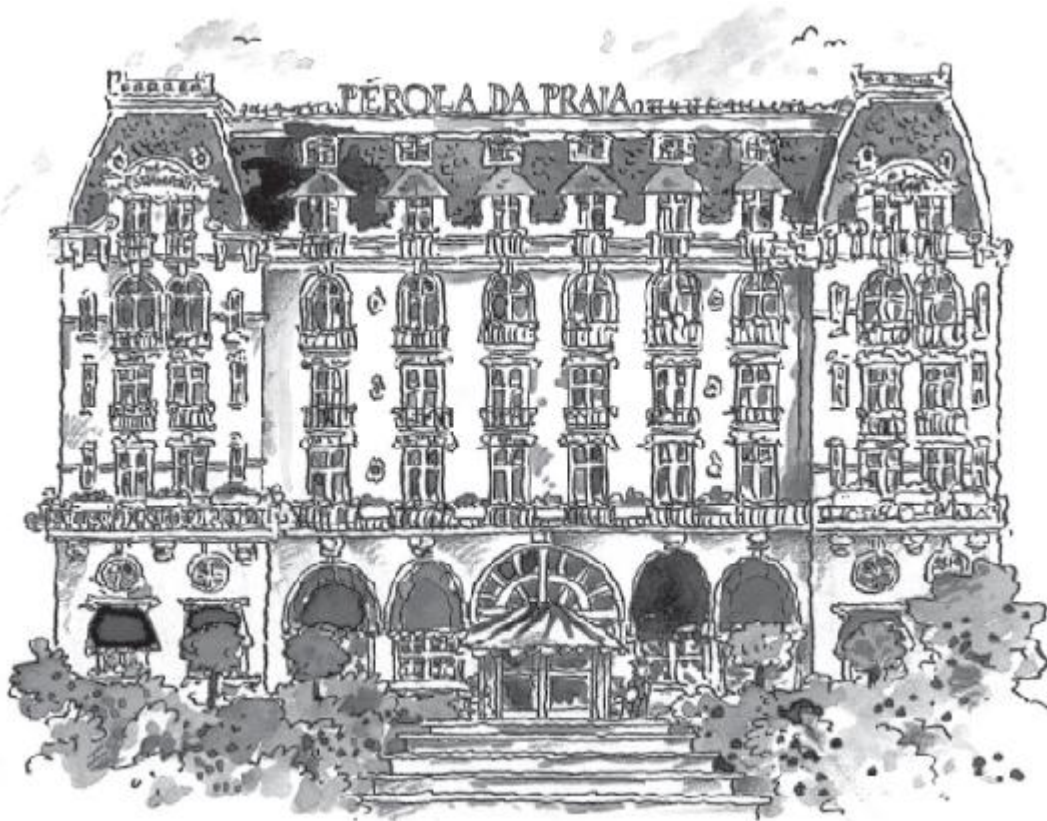
De novo era um terrível engano. Mas como a senhora Cidreira poderia saber que o diretor De Prestígio tinha escondido dela alguns detalhes e que eles ainda precisariam da ajuda de Hugo?



Eva Cidreira, Tom e Hugo pegaram um táxi para o hotel. Hugo se enfiou novamente na mochila de Tom e, por sorte, permaneceu por lá. Só uma única vez seu longo e branco braço saiu flutuando e beliscou a orelha do taxista. Mas evidentemente que a suspeita recaiu em Tom.

O Hotel Pérola da Praia estava localizado realmente bem em frente ao mar. Um parque grande e maravilhoso o separava da rodovia costeira. Atrás do hotel havia uma enorme varanda, da qual se podia descer por alguns degraus de madeira e chegar a uma praia particular, onde por todos os lados placas informavam: “Somente para os hóspedes do Pérola da Praia”.

Tom jamais estivera num hotel, muito menos nos chiques. A única coisa que o fez ter má impressão foi a imensa mancha negra no telhado. Aquele aspecto também não agradou à Eva Cidreira.



— Estranho! — murmurou ela. — Muito estranho!

O táxi os deixou diante do portão de entrada do Hotel Pérola da Praia, e um mensageiro desceu correndo a enorme escada para pegar as malas, mas educadamente a senhora Cidreira recusou.

— Puxa!!! É um edifício enorme! — Tom disse à medida que eles subiam os degraus.

— Eeu quero veer tambéem — Hugo berrou da mochila.

— Por enquanto, você fica aí dentro — sussurrou a senhora Cidreira. — Sua gracinha no trem já foi suficiente. Além do mais, está muito claro aqui!

Eva e Tom atravessaram a elegante entrada e caminharam até a recepção. Diante de uma imensa lareira estavam sentados alguns hóspedes, mas ninguém percebeu a presença dos caçadores de fantasmas.

— Bastante serviço para uma meia-estação — constatou Tom.

Curioso, ele olhou ao seu redor. Atrás da recepção estava um homem pequeno e gordinho, distribuindo a correspondência nos escaninhos dos quartos.

— Bom dia — disse Eva Cidreira, com um sorriso simpático, e pôs seu cartão de visitas sobre o balcão.

— O senhor, por gentileza, poderia nos anunciar ao diretor De Prestígio?

O homenzinho passou os olhos pelo cartão de visitas, sobressaltou-se e deixou cair todas as cartas.

“É evidente que foi um estrago causado por assombração!”, pensou Tom. Nesse meio-tempo, ele reconheceu rapidamente os sinais no recepcionista: pele cor de queijo, orelhas tremendo, lábios inferiores mordidos e, bem típico de espíritos de fogo, um leve e quase imperceptível cheiro de fumaça no cabelo e na roupa.

— Um... um momento, por favor! — o chefe da recepção desapareceu e os caçadores aproveitaram o tempo para dar uma discreta olhada no saguão.

— Exceto os indícios dos funcionários, não há pista alguma — sussurrou Eva Cidreira.

— Nem mesmo cinzas — respondeu, cochichando, Tom —, e as tomadas também não estão pretas!

— É verdade! — concordou Eva Cidreira, mexendo a cabeça. — Tudo indica que foi um ataque inofensivo!

Nesse momento, chegaram o chefe da recepção e o diretor Álvaro De Prestígio, que era um homem grande e careca com um impecável bigode aparado, vestido com terno branco e sapatos engraxados. Ao ver a senhora Cidreira e Tom, ficou bastante espantado.

— Cidreira & Cia.? — ele perguntou. — Os... — ele olhou ao redor e falou abaixando a voz: — ... os caçadores de fantasmas?

— Diretor De Prestígio, eu suponho! — Eva Cidreira apertou a mão dele. — Sugiro que não fiquemos aqui muito tempo, que conversemos tudo em seu escritório, pode ser?

Confuso, o diretor fez que sim com a cabeça e os conduziu a um escritório mobiliado com uma mesa enorme, sobre a qual estavam quatro telefones e um pequeno aquário com peixinhos minúsculos.

— Sente-se por favor, senhora...

— Cidreira — disse Eva Cidreira, colocando sua maleta no chão e sentando-se. — Suponho que o senhor esteja com este olhar confuso porque eu sou uma mulher e ainda por cima com certa idade, não é? Tudo besteira, esqueça essas coisas!

O senhor diretor abriu a boca e novamente a fechou.

— Aqui à minha direita — continuou a senhora Cidreira — está o meu assistente Tom Tomsy. Não se deixe iludir pela idade dele. Ele é um caçador de fantasmas experiente. Vou apresentar ao senhor meu segundo assistente quando as cortinas estiverem fechadas. O senhor poderia então fazer a gentileza?

— Ah sim, mas é claro! — o senhor diretor se levantou e fechou as cortinas.

— Verde — constatou Tom. — Todas as cortinas do hotel são verdes?

O senhor diretor assentiu com a cabeça. Tom encolheu os ombros.

— É desfavorável — disse ele. — O senhor pode se sentir feliz por estar lidando com espíritos de fogo!

— Verdade? Hum, como assim? — perguntou o senhor De Prestígio, que, inquieto, mexia em seu bigode.

— Espíritos de fogo gostam de todas as cores — explicou Tom. — Mas a maior parte dos outros fantasmas é louca por verde. Eles odeiam o vermelho e sentem atração por verde, principalmente o verde do mofo.

Preocupado, o diretor observou as cortinas.

— Logo o senhor vai ver — disse Eva Cidreira. — Hugo, você pode sair. Mas cuidado para não deixar tudo gosmento, hein?

— Ufaa, finalmente! — gemeu o FMP e saiu da mochila de Tom em completo tamanho natural e bamboleou piscando em cor branca. — Oh, que maravilha, tudo verde! — sussurrou ele.

Com um agudo grito de pavor, o diretor De Prestígio desapareceu debaixo de sua mesa.

Tom riu debochando do diretor, e Hugo se estufou orgulhoso, ficando o dobro do seu tamanho.

— Senhor diretor! Mas para que tudo isso? — a senhora Cidreira deu umas pancadinhas sobre a mesa. — O senhor pode sair daí sem se preocupar. Esse é o meu segundo assistente, Hugo FMP!

— Mas... mas... — a voz do senhor De Prestígio estava tremendo. — Ele é mesmo um fantasma?

— Sem dúvida — respondeu Eva Cidreira.



— Poderíamos agora conversar sobre nosso trabalho?

Hesitante, o diretor saiu debaixo da mesa. Sobre sua careca brilhavam gotas de suor, e seu bigode parecia bastante desgrenhado. — Desculpem-me... eu... eu... eu ainda não me acostumei a esse tipo de visão! — ele gaguejou e se sentou na cadeira.

— Não háá de quê — sussurrou Hugo e deu a mão ao senhor De Prestígio.

O senhor diretor se assustou, pois os dedos do FMP eram gélidos demais e, na maioria das vezes, um pouco gosmentos. Limpou rapidamente a mão num lenço. Em seguida, pigarreou.

— Bem, hum, Hugo não se parece com nosso fantasma, segundo meu conhecimento — ele começou. — Eu mesmo nunca o vi, mas o porteiro e o mensageiro falaram de uma coisa transparente, que é pequena e avermelhada e tem cheiro de enxofre. Eu pessoalmente... — ele puxou mais uma vez os pelos do bigode — ... eu pessoalmente, sinceramente, relatei isso, sem crença alguma, pois... — ele deu uma olhadela sem graça para Hugo — ... os senhores não me entendam mal, na verdade, eu não acredito em fantasmas. Mas daí começou a coisa com a água quente e, ah, o vapor na ventilação, e, sobretudo, este leve cheiro de queimado sem que se descubra fogo em qualquer lugar. Muito desagradável! — o diretor pigarreou. — Vocês me entendem? Este é um hotel de luxo e a coisa toda precisa ser conduzida de modo bastante discreto, porque nossa reputação está em jogo. Aqui é um lugar de descanso e assim por diante, vocês já sabem!

Eva Cidreira fez que sim com a cabeça.

— Essas aparições são especialmente piores em algum ponto do hotel?

O diretor pigarreou de novo.

— No quarto andar. No quarto andar... Ali a situação é um pouco problemática!

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntou Tom, desconfiado. De algum modo, ele estava com a sensação de que o diretor De Prestígio escondia alguma coisa.

— Hum... — o diretor bateu, irritado, com uma caneta-tinteiro dourada na mesa. — Não estou informado sobre essa nova situação, mas...

— E o que significa isso exatamente? — perguntou a senhora Cidreira e esfregou o nariz pontiagudo. Aos poucos, ela também foi ficando impaciente.

O segundo telefone da esquerda tocou.

— Não quero receber chamadas agora! — berrou o diretor e bateu o telefone.

— O que quer dizer com o senhor não foi informado sobre os mais recentes acontecimentos? — perguntou Eva Cidreira mais uma vez.

— Desde ontem, os funcionários hesitam em ir ao quarto andar — murmurou o diretor De Prestígio. — Enfim, os mensageiros e as arrumadeiras estão um pouco amedrontados, não é verdade?

— E os hóspedes? — perguntou Tom.

O diretor encolheu os ombros. — Eles... então — ele passou a mão sobre sua careca suada. — Eles... eles não apareceram no café da manhã. Mas isso não significa nada. Toda essa bobagem de cheiro de fantasma, acho eu, deve tê-los deixado um pouco intimidados. Nenhum motivo para preocupação!



Tom e a senhora Cidreira trocaram um olhar alarmante, e Hugo diminuiu até a metade de seu tamanho.

— Aii, aii, issoo não me pareceu naada boom! — gemeu ele. — Naada boom!

Eva Cidreira soltou um suspiro e se levantou. — Eu estou muito irritada, De Prestígio, bastante irritada!

O diretor desabou. — Ora, não vamos tornar as coisas piores do que já estão. Procurem ver o meu lado, os hóspedes, o escândalo...

— Meu querido senhor diretor, o senhor não está entendendo! — a senhora Cidreira deu uma pancada na mesa. — Graças à sua informação completamente errada, não estamos equipados da maneira adequada! Só me resta esperar que seja realmente um pequeno problema! — depois ela olhou para Tom. — O que você acha? Apesar de tudo, poderíamos nos arriscar a dar uma volta de reconhecimento, ou não?

— Sim! — disse Tom, embora alguma coisa o incomodasse.

— Hugo?

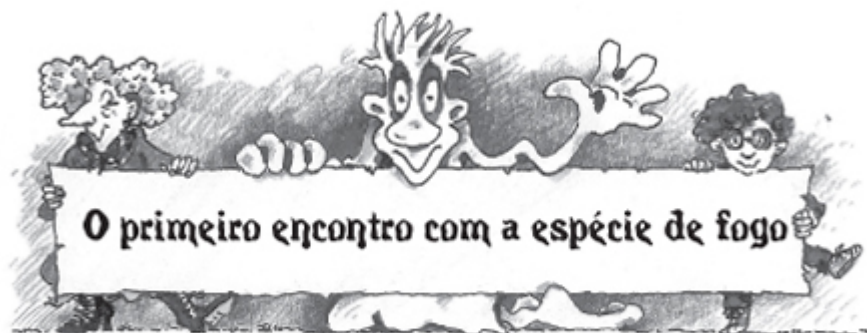
— Cheegaa! Faantasmas de fogo são toolos como teeiaas de aaranhaa!

— Pois bem! — a senhora Cidreira pegou sua maleta. — Então, vamos averiguar o quarto andar. Onde poderíamos nos trocar?

O diretor deu um pulo e ficou em pé rapidamente.

— Por favor, por aqui! — ele levou os três caçadores de fantasmas para um pequeno quarto vizinho e os deixou sozinhos após alguns respeitosos cumprimentos.

— Enfim! — Eva Cidreira abriu sua maleta e soltou um suspiro. — Ao trabalho, cavalheiros. Esperemos que não seja mais difícil do que havíamos pensado!



Quando os três caçadores de fantasmas retornaram ao escritório do diretor De Prestígio, pareciam bastante esquisitos.

Os três estavam com um capacete de bombeiro na cabeça e óculos de aviador sobre o nariz. Os óculos de Hugo eram escuros, por causa da luz do dia. Eva Cidreira e Tom vestiam trajes especiais com película de alumínio resistente ao fogo e suas roupas, rostos e mãos estavam besuntados com um creme especial de protetor solar, fator 23, e azeite adocicado. O creme era, admito, uma coisa pegajosa, mas extremamente útil para um encontro com o espírito de fogo.

Além disso, a senhora Cidreira levava uma assadeira nas costas e, no cinto, um aspirador de pó portátil, um pacote de açúcar em cubos, luvas de cozinha e um aparelho que parecia um gigantesco secador de cabelos.

Tom levava em sua mochila calda de açúcar e outros utensílios. Na mão direita, segurava uma seringa de confeitiro, com um enorme bico, que estava cheia de calda de açúcar avermelhada. Hugo, que como todo FMP abominava o calor,

acabou se enfiando num saco feito com película resistente ao calor.

Só se via para fora do saco sua cabeça com capacete, seus dedos bamboleantes e seus pés, que, como os de Tom e os de Eva Cidreira, estavam enfiados em sapatos especiais. Vestir sapatos era uma grande vantagem, já que Hugo não soltaria atrás de si incessantemente seus rastros gosmentos e seus colegas de caçada não ficariam constantemente colados naquilo. Afinal, em várias situações, isso poderia se tornar muito perigoso.

O diretor De Prestígio fitou os três, como se estivesse recebendo a visita de extraterrestres.

— O senhor certamente tem um elevador — disse Eva Cidreira. — Mostre-nos, por favor, o caminho até ele!

O senhor diretor ainda continuou fitando os três, mas depois caiu em si e correu até a porta do escritório.

— O elevador de serviço — ele disse. — É melhor os senhores pegarem o elevador de serviço na cozinha, por causa dos hóspedes, espero que me entendam!

Tom e a senhora Cidreira se entreolharam e soltaram uma risadinha.

O senhor De Prestígio conduziu os caçadores de fantasmas por um longo corredor. Cheiros deliciosos vinham na direção deles, e Tom percebeu que estava com fome.

— Hugo, é melhor entrar na mochila! — cochichou ele para o fantasma.

— Tuudoo beem! — Hugo se abaixou e desapareceu a tempo, pois em seguida o diretor De Prestígio abriu a porta da gigantesca cozinha do Hotel Pérola da Praia.

Ao avistar os caçadores de fantasmas, os cozinheiros e os aprendizes de cozinheiro deixaram cair alguma coisa na panela, que não era para estar ali. Mais tarde, alguns hóspedes se queixaram da sopa de galinha que estava com gosto de framboesa e do pudim com gosto de peixe.

Quando a mão branca de Hugo acenou da mochila de Tom, dois cozinheiros chefes, que eram reconhecidos pelos grandes gorros, soltaram um suspiro e desmaiaram. Um dos cozinheiros pegou três caçarolas pequenas, deixando o conteúdo escorrer sobre seu limpíssimo avental branco.



— Sem agitação, meus senhores! — gritou o diretor De Prestígio. — Esses são só os caçadores de fantasmas que vão tratar de nosso probleminha no quarto andar!

As palavras do diretor não tiveram muito efeito. Ao contrário, os cozinheiros ficaram brancos como seus gorros.

— Fantasmas, senhor diretor? — perguntou o mais gordo deles. — Fan-tas-mas?!

— Isso mesmo — disse Tom. — Onde fica, por favor, o elevador de serviço? Não temos toda a eternidade!

— Por aqui! — o senhor De Prestígio abriu caminho para Tom e Eva Cidreira entre os cozinheiros enfileirados como colunas de gesso. Aconteceu exatamente nesse momento. Com um estrondo agudo, de repente, uma porta do forno se abriu, e uma coisa vermelho vivo com um cheiro repugnante saiu voando com um terrível guincho. As roupas e os gorros de cinco cozinheiros viraram cinzas e caíram no chão, e os coitadinhos ficaram só com as roupas íntimas. Um deles, totalmente boquiaberto, segurava na mão uma escaldante colher de pau.

Tom teve presença de espírito e pegou a seringa de confeito, porém os cozinheiros, que saltavam, gritavam e corriam completamente desorientados, impediram sua visibilidade. Por mais que ele se esticasse e se estendesse, ninguém conseguiria encontrar o pequeno espírito de fogo naquela confusão.

— O quee eestá acontecendo? — Tom ouviu Hugo perguntar de dentro da mochila. — O que é eeste baaruulhoo?

— Tom, ali! — gritou a senhora Cidreira e empurrou dois cozinheiros para o lado. — Ali na frente!

Como um fogo de artifício, o espírito assombrado passou rapidamente sobre sua cabeça, e até mesmo de dentro de seu capacete Tom sentia um calor desconfortante.

— Nada de água! — gritou a senhora Cidreira, mas já era tarde. Um cozinheiro levantou e despejou no espírito um balde inteiro de água, que fez aquele corpo vermelho começar a evaporar como a água de uma chaleira, flamejando até o teto. A fuligem preta caiu nos gorros e nas sopas, e mais tarde foi percebida entre os dentes que rangiam terrivelmente. Horrorizados, os cozinheiros tropeçavam uns nos outros, mas

Tom e a senhora Cidreira finalmente estavam com o caminho livre.



— Xiiiiii! — guinchou a criatura de fogo e soprou neles aquele bafo quente, mas o excelente creme especial de Eva Cidreira diminuiu a temperatura do recinto. Tom sentiu apenas uma cócega agradável e quente na pele.

— Espere só para ver! — ele gritou e esguichou tanta calda de açúcar no peito do espírito bruxuleante, que ele mais parecia um bolo de casamento. A senhora Cidreira pulou ao lado de Tom e ligou seu aspirador de pó portátil.

Desesperado, o pegajoso espírito de fogo tentou voar dali, mas a calda de açúcar o deixou pesado e imóvel. Ficava cada vez mais fino à medida que era sugado pelo aspirador da senhora Cidreira. Tentou ainda se salvar num exaustor, porém Tom, num ato de rapidez, enfiou a mão numa luva de cozinha, apanhou o espírito, que agora não passava de um espírito minúsculo, e o enfiou numa garrafa térmica.

— Viiivaaa! — gritaram os cozinheiros e jogaram os gorros para cima, porém um dos gorros lamentavelmente acabou caindo na sopa de tomate. Embaixo do bigode do diretor De Prestígio, surgiu um sorriso de alívio.

— Ah, seria bom — falou a senhora Cidreira — se pudéssemos evitar o quarto andar!

Mas aí Tom a cutucou.

— Não acho isso! — ele sussurrou e apontou para uma tomada. — Olhe ali!

Pequenas faíscas saíam dos buracos, seguidas de roxas e repugnantes nuvens de fumaça. Os dois caçadores de fantasmas trocaram olhares de preocupação.

— Mas o que, hum, o que significa isso? — perguntou, nervoso, o diretor.

— Que nós vamos mesmo ter de ir ao quarto andar! — respondeu Tom e, de repente, sentiu um beliscão esquisito no estômago. — Lá! — ele disse e pressionou a garrafa térmica, que continha o espírito de fogo, na mão do boquiaberto diretor.

— Então, onde fica o elevador de serviço?



— Sugiro que a gente vá só até o terceiro andar! — disse a senhora Cidreira, quando ela já estava no elevador. — E daí a gente sobe sorratamente pela escada. Combinado?

Tom fez que sim com a cabeça e apertou o botão.

— Agoora já poosoo sair daqui? — Hugo reclamou e, bamboleando, saiu da mochila. Ele olhou em volta, espantado. — O quee é istoo aqui? — com um tranco, o elevador começou a se movimentar e Hugo foi lançado contra a parede.

— Socorroo! — queixou-se. — Socorroooo! O que está acontecendo aqui?

Tom deu risadinhas. — Isto aqui é um elevador, seu bobão!

— Aah éé? — irritado, Hugo soltou um bafo mofado na cara de Tom. — E para que servee istoo aqui?

— Psiu! Fiquem quietos! — Eva Cidreira olhou, preocupada, para o chão. — Vocês notaram alguma coisa?

Tom olhou para baixo. Debaixo da sola de seus sapatos estava quente, pelando. Por sorte, ele tinha, assim como a senhora

Cidreira, papel-alumínio enrolado treze vezes nos sapatos e solas com camadas especiais.

— O que é isto? — sussurrou ele.

O piso do elevador assumiu uma cor vermelho cadente e começou a soltar bolhas. — Eu estou ficaandoo asfixiiaadoo! — reclamou Hugo, e subiu para o teto.

Mas lá também não estava mais fresco.

— Cuidado! — gritou a senhora Cidreira, e ela e Tom se agarraram um ao outro. O elevador subia cada vez mais rápido, como se alguém o empurrasse.

“Logo mais vamos sair voando pelo teto!”, pensou Tom. Ele fechou completamente os olhos, mas isso só tornou as coisas piores. Então ele abriu novamente os olhos e viu quando um dedo em chamas perfurou, bem na frente de seus pés, o piso incandescente. Tom gritou e deu um salto para trás.

E apareceu mais um dedo, outro e ainda outro, até que toda uma mão se ergueu daquele piso escaldante que soltava fumaça. Tchum! Ela agarrou Tom pelas pernas.

Pendurado no teto, Hugo uivava como um cão. A senhora Cidreira, no entanto, pulou na frente de Tom, que tremia e batia os pés violentamente, a fim de protegê-lo, e afastou aquela mão de fogo com os cubinhos de açúcar. Os dedos desapareceram, silvando através do piso como vermes aterrorizados.



O elevador continuou acelerando, breiou bruscamente, despencou no fosso assobiando e voltou a subir. Desesperados, os caçadores tentaram se manter em pé. A toda hora, Tom dava pancadas no freio de emergência, mas de nada adiantava. Daí, de modo totalmente abrupto, com um tranco assustador, que quase os jogou no piso incandescente, o elevador parou. E ficou rangendo pendurado nas cordas.

— Mas o que está acontecendo? — sussurrou Tom.

A porta se abriu silvando, e uma asquerosa cabeça vermelho fogo com olhos de lâmpadas soltou uma gargalhada sarcástica para os caçadores. Ela abriu a boca e fantasmagóricas chamas amarelas lambeiram as pernas de Tom.

— A calda de açúcar! — gritou Eva Cidreira. — Rápido, Tom! — Tom, com os dedos trêmulos, borrifou o restante de calda de açúcar bem no meio daquela boca de fogo.

Evidentemente, o fantasma não gostou do sabor. Ele começou a dar soluços terríveis, que balançavam o elevador como chocalho de criança. A senhora Cidreira arrancou a assadeira das costas e bateu com força na cabeça do fantasma pavoroso. Com um arrote, a cabeça se dissolveu no ar.

A porta se fechou com uma batida, e o elevador ficou parado num ponto qualquer entre os andares, tilintando e rangendo.

— Está ficando fresco novamente! — sussurrou Tom. Ele ainda tremia um pouco. Sua seringa de confeitiro estava sem calda de açúcar e a assadeira de Eva Cidreira jazia no piso completamente amassada.

— Aaii, credoo, issoo aii nãoo eraa mesmoo uum fantasmaa de foogoo noorma! — resmungou Hugo e pousou lentamente no chão.

— Não, de fato não era! — a senhora Cidreira amarrou novamente a assadeira nas costas. Ela parecia estar muito irritada. — Esse De Prestígio maquiou tanto o problema que quase acabamos virando cinzas. Se sairmos daqui são e salvos, ele pode esperar pelo troco! — a ponta do nariz dela estava totalmente quente de raiva. — O que você acha, Tom? Devemos subir ou descer?

Tom tirou os óculos, limpou-os, o que com os dedos sujos de calda de açúcar era muito difícil, e colocou-os de novo.

— Subir — ele disse.

— Suubiir? Coomoo assiim? — indignado, Hugo passou os dedos gélidos na frente do nariz de Tom. — Paraa miim niinguéem peerguunta nadaa, heiin?

— Não! — exclamou Tom. — Você sempre se esconde quando a coisa aperta!

— Tuudo beem, tuudo beem! Comoo quiseereem! — Hugo cruzou os braços brancos sobre o peito. — Poiis eeu nãoo voou ajudar vocês, que sejaam toostaadoos por essa cooisaa! Nãoo

voou ajudar ninguém! Nããoo, eeu tambéem tenhoo meuu orgulhoo! — e então desapareceu dentro da mochila de Tom.

— Passe-me a seringa de confeitiro reserva! — exigiu Tom.

A mão branca de Hugo saiu para fora e jogou a seringa na cabeça dele. Tom deu apenas um sorriso irônico e apertou o botão mais uma vez.

— Terceiro andar — com um tranco, o elevador começou a andar e flutuou, rangendo para cima.

— Meu querido Tom — disse Eva Cidreira —, você é realmente um jovem notável e corajoso. Eu não poderia desejar melhor assistente!

— Que isso! — murmurou Tom e, sem graça, ajeitou os óculos.

E o elevador parou.

Não no terceiro, mas no quarto andar.



A porta do elevador se abriu com um leve chiado. Uma neblina de fumaça roxa se espalhou dentro do elevador. Tinha um cheiro horrível. Cheirava doce e queimado ao mesmo tempo. E Tom acabou tossindo.

— Colocar prendedores! — ordenou a senhora Cidreira.

— Poor favor! — Hugo passou dois prendedores de nariz para fora da mochila e, fungando, meteu o nariz para fora. — Eeu nãoo seei o quee estáá aconteceendoo com voocês. O cheiroo é deliciossoo, absolutamente deliciosso!

— Talvez para um fantasma — disse Tom. — Para mim, tem um cheiro terrível de veneno! — sua voz soou esquisita com o prendedor de nariz, mas a da senhora Cidreira também não soava nada melhor.

— Repare naquilo! — ela falou, com a voz fanhosa.

Tom, cautelosamente, colocou a cabeça para fora da porta. Seus olhos queimavam e lacrimejavam por causa da fumaça roxa. Apesar disso, o que ele conseguiu averiguar foi bastante preocupante.

O elevador estava parado no final de um longo corredor com inúmeras portas de quartos. Um rastro de pegadas flamejantes, cujo tamanho era aterrorizante, desfigurava o tapete cor de creme. Mas o mais assustador ainda eram as chamas lambendo paredes e portas. Elas crepitavam, fediam e inundavam o piso com uma luz roxo-avermelhada. A única janela no final do corredor estava chamuscada com fuligem preta. As luzes da parede entre as portas do quarto estavam derretidas, assim como os números dos quartos.

— Meu querido Tom, pressinto algo muito ruim — murmurou Eva Cidreira.

— Um espírito de fogo de categoria três? — sussurrou Tom.

— No mínimo! — respondeu, sussurrando, a senhora Cidreira. — Na verdade, temo que seja algo totalmente diferente. Suspeito que seja um... Não! Melhor nem pensar nisto!



Tom, inquieto, fitou Eva Cidreira, mas ela não lhe deu tempo algum para refletir sobre suas palavras. Determinada, ela pôs os pés no piso em brisas e caminhou pelo meio das gigantescas chamas.

— Venha, meu jovem! — ela gritou. — Isso não passa de um espírito de fogo. Não é problema para o nosso creme especial!

Com os dedos trêmulos, Tom ajustou os óculos e a seguiu. Ela tinha razão. As chamas atingiam a cabeça dele, pingavam do teto sobre seu capacete, mas tudo o que ele sentia era um leve formigar na pele, um pouco desagradável, porém suportável. Tom olhou à sua volta. Todas as portas dos quartos estavam trancadas, as campainhas retorcidas e cálidas. Ele percebeu como Hugo resmungava na mochila. O FMP era simplesmente muito curioso para permanecer todo o tempo dentro de seu esconderijo. E Hugo, por fim, despontou sobre o ombro de Tom.

— Beloo traabalhoo! — afirmou ele.

— Eca! — sussurrou Tom. — Você precisa soltar esta respiração mofada pelo nariz? Aqui tudo já está fedendo muito!

— Mas coom estee prendedoor riidícuuloo você nãoo sentee cheiroo nenhum — comentou Hugo. — Saabe maiis o quê? Você tem a vooz doo Pato Doonaald! — sua risada cavernosa soou medonha.

— Hugo! — sussurrou a senhora Cidreira. — Vamos, faça algo de útil. Passe através das portas dos quartos e veja se encontra algum hóspede!

— O quê? Eeu? — Hugo desapareceu imediatamente atrás dos ombros de Tom. — Poor alii? Eeu nãoo queroo viraar vapoor!

— Deixe disso! — a senhora Cidreira colocou as mãos nos quadris. — Você é um fantasma. Esse calor horripilante não vai fazer mal para você. Principalmente porque você está vestindo esse saco. Por favor!

Resmungando, Hugo flutuou pelo piso e sumiu pela próxima porta fechada.

— Naadaa! — informou ele quando ia saindo. — Baastante bagunçaado, maas nenhum hóóspede!

Hugo verificou todos os quartos e era a mesma coisa em cada um deles. Todos os hóspedes haviam desaparecido sem deixar rastro. O semblante de Eva Cidreira foi ficando cada vez mais tenebroso.

— Isto só confirma os meus piores receios — murmurou ela, depois de Hugo também não ter encontrado ninguém no último quarto. — Meus piores receios. Tom, fique longe das tomadas!

— Por-por-por-por quê? — gaguejou Tom. Ele aos poucos foi recuperando a coragem.

— Melhor explicar isso quando estivermos lá embaixo — disse a senhora Cidreira. — Vamos, vamos sumir daqui. Mas dessa vez vamos pela escada!

Eles já tinham praticamente alcançado a escada quando, de repente, ouviram uma batida. Eles olharam, assustados, ao redor.

— Vem daquele armário! — sussurrou Tom. Ele apontou para um armário de roupas bem perto do elevador. Com toda a cautela, recuaram bem de mansinho. Ouviram outra batida.

A senhora Cidreira, segurando o aspirador de pó portátil, abriu com um solavanco a porta do armário.

Num canto, entre edredons e toalhas de rosto empilhados, estava agachado um pequeno mensageiro, que tremia tanto a ponto de os botões de metal de seu uniforme baterem feito castanholas.

— Ah! — a senhora Cidreira puxou com cuidado o homenzinho pálido para fora da pilha de roupas. — Há quanto tempo o senhor está enfiado aí dentro? O senhor só pode estar se sentindo como um frango assado!

O mensageiro estampou um sorrisinho desesperado no rosto, mas nenhuma palavra saiu de seus lábios trêmulos. Sem a ajuda de Tom e da senhora Cidreira, ele não teria conseguido ficar em pé.

— Ooooo! Elee estáá realmeentee assusstaado! — com uma risada sarcástica, Hugo empurrou o mensageiro na altura do peito.

Ele soltou um grito agudo e quis voltar imediatamente para dentro do armário, mas Tom e a senhora Cidreira o agarraram.

— Não precisa ter medo! — acalmou-o Tom. — Este é o Hugo. Ele só tem aparência repugnante, mas é completamente inofensivo!

— Coomoo? — Hugo se estufou, e no saco de alumínio em que ele estava enfiado, nada funcionava muito bem. — Inoofensiivoo? Vocêê diisse que euu soou inoofeensiivoo?

— Deixe de bobagem, Hugo! — disse a senhora Cidreira, irritada. — Você vai conduzir este pobre homem aqui até a

escada. E, ai de você, se assustar este pobre homem mais uma vez! Você me entendeu?

— Siim, siim, euu de novoo voou teer de fazeer o trabaalhoo pesaadoo — reclamou Hugo, no entanto, apesar disso, ele pôs o mensageiro nas costas. De qualquer modo, aquilo era indiferente para o mensageiro. Apenas no primeiro contato com as costas fantasmagóricas de Hugo é que ele se assustou um pouco, pois se sentiu gelado.

— Vamos, rápido! — disse a senhora Cidreira, com voz fanhosa. — Vamos sair agora daqui!

Eles correram pelo corredor que queimava, sempre olhando em volta.

— Eva! — sussurrou Tom. — Estou sentindo algo muito esquisito!

A senhora Cidreira permaneceu em pé e espreitou.

— Um chuveiro! — ela sussurrou.

Nesse instante, Tom ouviu também o murmúrio e o barulho de água, e sons de grunhidos e respiração pesada. Soava horrível.

— O-o-o-o que é isso que está tomando banho aí? — balbuciou Tom. — Is-so is-so...! — um estalo terrível cortou sua fala.

Atrás deles, o inferno irrompeu. Faíscas e relâmpagos, bolas de fogo grandes como bolas de futebol eram disparadas das paredes e do teto.

— Corram! — gritou Eva Cidreira. Até a escada faltavam ainda cinco portas.

— Aaaaahuuuuuuuu! — aquela coisa gemia atrás deles, tão terrível que as pernas de Tom repentinamente ficaram moles como arroz-doce e Hugo ficou completamente rosa.

— Rápido, vamos descer pela escada! — Eva Cidreira tirou do cinto algo estranho, que mais parecia um secador de cabelo, e o ligou. Fazia um barulho de sirene de bombeiro e soltava um ar gélido naquela chama que os perseguia.

Aquela coisa flamejante ficou parada.

Hugo e Tom tropeçaram no primeiro degrau e rolaram escada abaixo. A senhora Cidreira continuava lá em cima. Preocupado, Tom se virou para ela. Pela primeira vez, conseguiu ver aquela coisa. Era um espírito gigante que parecia fogo vivo.

O ar gélido do secador da senhora Cidreira impediu que ele chegasse mais perto, mas não o atrapalhou muito. Ele mudou sua careta grotesca para uma gargalhada, ergueu os pulsos que pegavam fogo e abriu a garganta profunda. Um bafo quente veio na direção da senhora Cidreira e varreu-a e a seus assistentes escada abaixo. Só depois de rolares um andar inteiro, voltaram a ficar em pé. O monstro de fogo ainda continuava lá em cima com um riso cavernoso, terrível e insondável.





Eva Cidreira marchou pelo saguão do hotel com os esvoaçantes caracóis brancos de seus cabelos e com o rosto lambuzado de fuligem. Tom e Hugo, levando o mensageiro nas costas, mal conseguiam segui-la, tão largos eram os passos dela.

Os hóspedes, que estavam sentados nos sofás macios diante da lareira lendo os jornais, ao avistarem os caçadores de fantasmas, ficaram assustados e derramaram café no colo. Principalmente por causa do aspecto branco de Hugo, que provocou gritos agudos e alguns desmaios. É claro que Hugo gostou daquilo. Eva Cidreira nem ligou. Ela fervia de raiva, bufava de raiva e quase explodiu de raiva.

Sem dizer sequer uma palavra, ela entregou o mensageiro, que ainda tremia um pouco, ao porteiro atônito. Depois, partiu para o escritório do diretor De Prestígio, levando a reboque Tom e Hugo.

Ele estava em pé atrás de sua escrivaninha, alimentando os peixes.

Quando a senhora escancarou a porta, ele se assustou e deixou cair a lata de ração no aquário.

— O que, o que... hum, mas o que é isto agora? — perguntou ele, surpreso.

— Venha conosco! — disse a senhora Cidreira e puxou-o pela gravata até a porta.

— Mas minha prezada senhora Cidreira! — o diretor protestou e, em vão, tentou se libertar. — O que aconteceu então? Os senhores... os senhores já resolveram nosso probleminha?

— Nosso probleminha! — a ponta do nariz da senhora Cidreira começou a se contrair. — Não sei se o senhor é só um idiota ou um mentiroso. Em todo caso, agora o que eu preciso é de ar fresco, senão eu vou explodir!

Ela puxou o diretor, que estava vermelho feito pimentão de tanta vergonha, pela porta da sala de jantar, passou pelos hóspedes que comiam, caminhou em direção à grande varanda e desceu os degraus até a praia. Somente lá, na areia macia, é que ela parou e soltou a gravata.

O diretor ajeitou a gravata rapidamente e olhou, incomodado, à sua volta. Exceto por algumas pessoas que passeavam ao longe, a praia estava deserta. O céu estava cinza, e o vento do mar jogava no rosto deles um fino chuvisco. Até Hugo achou aquilo maravilhoso, depois daquele forno no quarto andar. Mas o diretor De Prestígio parecia extremamente infeliz.

— Não estou entendendo nada, meus queridos! — com ar ofendido, ele abotoou o paletó branco. — Por que não entramos e comemos alguma coisinha? Aqui fora ainda vamos acabar pegando um resfriado!



— Eu não sou sua queridinha! — exclamou a senhora Cidreira e tirou os sapatos. — Agora vamos dar um passeio pela praia e o senhor vai enfim me esclarecer tudo o que aconteceu aqui nos últimos dias.

— Eeu voou tiraar uma soonecaa — Hugo bocejou e sumiu dentro da mochila. Tom também tirou os sapatos e andou com passos pesados atrás de Eva Cidreira e do diretor. As solas de seus pés ainda estavam bem quentes graças à aventura de fogo, e a areia fresca lhe fez bem. Até mesmo o vento fresco de outono era só um fresco agradável após o calor no quarto andar. Na verdade, Tom até teria gostado de entrar e comer alguma coisa.

— Água quente! — reclamou a senhora Cidreira. — Um ar-condicionado quebrado! E quase que morremos lá em cima como linguças assadas, simplesmente porque o senhor minimizou o problema. E o mensageiro que encontramos dentro do armário, o senhor nem sentiu a falta dele?

— Um mensageiro? — o diretor chacoalhou a areia de seus sapatos. — Ah, a senhora sabe que temos muitos deles aqui. Quando acontece de um se perder, isso nem chama a atenção!

Aquilo quase fez a senhora Cidreira perder a fala. — O senhor sabe o que deveríamos fazer com o senhor? — ela perguntou com voz calma, mas ameaçadora.

Nervoso, o diretor retorcia os pelos de seu bigode.

— Eu sei — disse Tom. — Deveríamos metê-lo dentro do elevador de serviço e mandá-lo para o quarto andar. Lá sim ele poderia ver seu probleminha mais de perto!

O diretor De Prestígio lançou um olhar raivoso para Tom. — Que proposta de mau gosto — ele falou. — Realmente de mau gosto!

— Oh, eu não acho tão ruim assim — disse a senhora Cidreira. — Vou pedir para Hugo pôr em prática agora mesmo a sugestão de Tom, se o senhor não me esclarecer tudinho agora. Comece explicando, por exemplo, a tempestade!

Espantado, Tom prestou atenção. O diretor De Prestígio ficou pálido como o peito fantasmagórico de Hugo.

— Como a senhora sabe disso?

— Por que o senhor não me contou? — perguntou a senhora Cidreira, e se jogou num cadeirão de praia.

— Bem, a senhora sabe... — o senhor De Prestígio pigarreou e olhou para seus sapatos, que por causa da areia haviam perdido o lustre. — ... não é preciso dizer por aí que aqui nós, hum, temos tempestades assim tão fortes. Infelizmente, elas são bastante frequentes, e, hum, uma tempestade dessas provoca em alguns hóspedes um terror imenso. Creio que podem me entender. Afinal, nossa publicidade está montada sobre o clima bom. Os ventos marinhos são saudáveis em qualquer época do ano e assim por diante. Vocês me entendem, não? Além disso — o diretor alisou sua careca, que estava completamente molhada

por causa da chuva —, além disso, eu não podia saber que uma tempestade seria do interesse de vocês!

Ele espirrou. — Vocês veem, acabei pegando um resfriado!

Com o semblante sombrio, a senhora Cidreira enfiou os dedos dos pés na areia. — Tudo bem. De fato, o senhor não poderia saber se uma tempestade significa um ataque de espírito de fogo e eu — ela suspirou —, eu deveria ter perguntado ao senhor. Mas baseada em sua descrição de incidentes inofensivos, eu jamais poderia imaginar que iríamos ter de lidar com um perigo imenso e excepcional!

— Excepcional? — o diretor repetiu, inquieto. — Perigo? O que a senhora está querendo dizer?

Tom engoliu em seco e pensou no espírito de fogo, que com um sopro os fez rolar escada abaixo.

— Seu para-raios funcionou na última tempestade? — perguntou a senhora Cidreira.

— Não muito — o senhor De Prestígio ficou em pé. — Poderíamos entrar agora? — ele voltou a espirrar.

— Meu Deus, o senhor não poderia aguentar só um pouco o vento marinho? — disse a senhora Cidreira, irritada.

— Eu odeio o mar — murmurou o diretor e olhou incomodado para o mar.

— O que quer dizer com seu para-raios não funcionou muito? — perguntou Tom. — Ele funcionou ou não funcionou?

— Todos os seus lindos telefones ficaram de repente mudos — afirmou Eva Cidreira. — Não é verdade, De Prestígio?

O diretor olhou, espantado, para eles. — Como vocês sabem disso também?

— Isso é verdade, então? Trata-se mesmo de uma catástrofe! — a senhora Cidreira enrolou os caracóis brancos de seus cabelos. — Pois estamos lidando com um dos cinco mais perigosos fantasmas da terra e qual é o nosso equipamento para enfrentá-lo? Brinquedinhos de crianças, nada a não ser

brinquedinhos. Meu único consolo é que praticamente nada ajuda contra esse monstro!

O diretor De Prestígio a examinou, horrorizado.

Tom engoliu em seco. De repente, ele se sentiu mal. — Que espécie é essa? — perguntou ele.

A senhora Cidreira se ergueu da cadeira de praia, soltando um suspiro profundo. — É um TIER. Sem dúvida alguma. Em minha carreira, jamais enfrentei esse tipo de fantasma!

— Um, um o quê? — gaguejou o empalidecido diretor.

Tom ficou ali e olhou fixamente na direção do hotel. Parecia tudo muito estranho. Atrás das janelas chamuscadas do quarto andar, algo de cor vermelha flamejava.

— Um TIER! — sussurrou Tom. — Ah não!

— Mas o que é isso, hein? — gritou o diretor De Prestígio, desesperado. — Diga-me então!

— Tom vai esclarecer ao senhor — disse Eva Cidreira e, olhando uma última vez para o mar, retornou ao hotel dando passos pesados. Os outros a seguiram.

Tom sabia muito bem o que era um TIER. Ele havia estudado detalhadamente todos os volumes da enciclopédia de fantasmas da Eva Cidreira. Havia no volume 23 algo assim sobre os TIERS: “Aparições Muito Nojentas”. Podia-se resumir o verbete do seguinte modo: a chance de sobrevivência quando se encontra com um fantasma desses é quase nula.



— TIER significa Terrível e Invencível Espírito Relâmpago — explicou Tom, enquanto subia com o diretor De Prestígio os degraus da varanda do hotel. Hugo continuava roncando sossegadamente em suas costas. — O TIER se materializa principalmente por meio de um forte raio e penetra num edifício quase sempre pela linha telefônica. Uma vez ali dentro, é muito difícil tirá-lo sem que o edifício fique em pedaços!

O diretor, de tanto susto, quase arrancou o bigode.

— Um TIER pode incinerar os homens ou diminuí-los — continuou Tom. — Mas o que ele prefere é transformá-los em pequenos espíritos de fogo!

— Suponho que ele tenha feito isso com seus hóspedes do quarto andar — disse a senhora Cidreira por sobre o ombro. — Quantos eles eram?

— Sete — falou o diretor, com voz fraca. Ele parecia completamente abatido, quando eles atravessaram o elegante salão. Novamente todos os hóspedes presentes se viraram para eles, porém nenhum dos três reparou nisso.

— Sete! — Eva Cidreira balançou a cabeça. — Mais essa ainda! Pegamos um, restam então seis. Vai saber onde se escondem! Onde está a garrafa térmica?



— Sobre a minha escrivaninha — murmurou o diretor.

— Bem — disse a senhora Cidreira —, então vamos agora examinar direitinho esse que foi pego!

A garrafa térmica estava ao lado do aquário. Eva Cidreira vestiu uma luva de cozinha, abriu cuidadosamente a tampa e retirou dali o espírito aprisionado. Ele parecia bastante pálido e sonolento.

— Nessa garrafa tem gelo seco — explicou a senhora Cidreira. — Isso resfria um espírito de fogo, sem precisar colocá-lo em contato com a água. Vamos chegar mais perto, De Prestígio. O senhor consegue reconhecer nesse espírito um de seus hóspedes desaparecidos?

O diretor, hesitante, ficou ao lado dela. — Mas é claro! — gritou ele, surpreso. — Esta é a senhora Elfie Boca Rubra. Há anos que ela frequenta nosso hotel, sempre em outubro. Inacreditável! — ele se aproximou ainda mais. — Devo dizer que sua aparência piorou!

— Tom, meu querido — a senhora Cidreira enfiou de novo a cálida senhora Boca Rubra na garrafa térmica e fechou muito bem a tampa —, mande ao senhor Encantador um fax, e peça a ele todas as informações sobre TIERs que encontrar em minha literatura especializada, faça uma cópia e passe um fax para cá. Sei muito pouco sobre esse monstro!

— Pode deixar — disse Tom e disparou até a recepção, onde ficava o aparelho de fax do hotel. O senhor Encantador era um ótimo amigo e ajudante de confiança da Cidreira & Cia., desde quando os caçadores de fantasmas o libertaram de um horrível FIR ([Fantasma Inacreditavelmente Repugnante](#)). De forma apressada, Tom escreveu e lhe transmitiu o recado.

Quando ele retornou voando para o escritório do diretor, Hugo já tinha terminado sua soneca e flutuava, bocejando, perto do teto. O diretor alimentou novamente os peixes, e a senhora Cidreira se sentou na ponta da escrivaninha, balançando o pé, despreocupada.

— Logo que as informações do senhor Encantador chegarem — ela disse —, eu vou listar para o senhor uma série de coisas de que vamos precisar até o anoitecer. Além disso, por favor, informe imediatamente os hóspedes e funcionários da perigosa situação. Tom vai ouvir e prestar atenção para ver se o senhor não vai descaradamente maquiar os acontecimentos!

— O que... — o diretor De Prestígio se afastou da senhora Cidreira como se ela fosse o TIER em pessoa — ... o que eu devo fazer? Informar os hóspedes? Vocês ficaram malucos? — ele balançou a cabeça energicamente e não parou mais. — Não e não. Não podem exigir isso de mim! Só por cima do meu

cadáver! Isso seria minha ruína, vocês não entendem? Minha ruína definitiva. Não, não, mais uma vez e definitivamente não!

— Tudo bem! — a senhora Cidreira deu de ombros. — Se o senhor quer assim, então Hugo vai informar a todos os presentes.

— Coom praaazer — o fantasma falou suavemente e flutuou, cheio de alegria, rumo à porta do escritório. Rápido como um disparo, o diretor bloqueou o caminho dele.

— Pare! — gritou ele. — Pare! Eu vou fazer isso. É uma chantagem maldosa, mas eu faço o que vocês querem!

— Melhor assim — disse Tom —, ou o senhor acha que seus hóspedes vão pagar as contas sendo espíritos de fogo?

O diretor De Prestígio examinou a garrafa térmica com a senhora Boca Rubra, voltou cansado para sua escrivaninha e pegou o telefone da direita.

— Convoquem todos os hóspedes, por favor — ele disse com voz rabugenta. — Sim, todos, é claro. E o pessoal do hotel também. Em dez minutos, no salão. Tenho um importante comunicado a fazer! — ele bateu o telefone e se jogou na poltrona.

— Mantenham vedadas com calda de açúcar as tomadas do andar térreo — instruiu a senhora Cidreira. — Senão o TIER pode ouvir, e não queremos que ele ouça nada.

— Calda de açúcar! — sussurrou o senhor diretor. — Tomadas. Calda de açúcar. Acho que vou acabar ficando maluco!



Oitenta e três pessoas se reuniram, finalmente, no salão do Pérola da Praia. Hóspedes, cozinheiros, arrumadeiras, mensageiros e aqueles que por ventura ainda estivessem hospedados no hotel. Quando o senhor diretor De Prestígio lhes comunicou, pigarreando a todo instante, que, alguns degraus acima de suas cabeças, um espírito de fogo gigante andava pelos quartos esbravejando, essas oitenta e três pessoas receberam a notícia de maneira bastante variada.

Tom contou dezoito desmaios, quarenta e uma partidas precipitadas, seguidas por imediatas arrumações de mala ou demissão sem aviso prévio, três ataques frenéticos e seis pedidos de indenização.

Restaram quinze pessoas: dois cozinheiros, duas arrumadeiras, um mensageiro e dez hóspedes, que por diversos motivos não estavam preparadas para deixar o hotel.

Estava ali, primeiramente, o mensageiro que os caçadores de fantasmas tinham libertado do armário de roupas. Em retribuição, ele ofereceu aos três sua ajuda, atitude que Tom considerou digna de nota. Depois, estavam ali os cozinheiros,

que imaginavam que, por terem sobrevivido a um pequeno espírito de fogo, não haveria motivo para fugir de um maior. As arrumadeiras não tinham vontade de perder o emprego por causa de um suposto fantasma. Dos dez hóspedes restantes, seis tinham a opinião de que nessas férias entediantes finalmente havia acontecido algo interessante.



Os outros quatro não acreditavam em fantasmas, mas na grande mentira do diretor do hotel.

Enquanto o diretor conferia, desanimado, os hóspedes fugitivos, Tom e a senhora Cidreira esperavam impacientemente o fax do senhor Encantador. Hugo estava achando aquilo tudo uma chatice; decidiu então assustar alguns hóspedes que arrumavam as malas e depois vasculhar um pouco o porão.

Quando o fax do senhor Encantador finalmente chegou, Tom e a senhora Cidreira se sentaram num dos sofás, que ficava

diante da lareira, um dos mais macios e maravilhosos do saguão do hotel.

— Alguma tomada aqui por perto? — perguntou a senhora Cidreira.

— Duas — confirmou Tom. — Mas as duas estão tapadas com calda de açúcar.

— Muito bem. Então, por favor, leia! Não estou com meus óculos de leitura.

O senhor Encantador havia escrito:

Retirado da *Grande Enciclopédia de Fantasma*s, volume 23.

E abaixo se lia:



A espécie espírito de fogo

Todos os especialistas em fantasmas concordam que exatamente cinco tipos de fantasmas pertencem à categoria de níveis de periculosidade. O TIER é um desses cinco.

Suas capacidades são de uma variedade terrível, mas nenhuma é bem conhecida, pois a maioria das testemunhas de um ataque de TIER não sobreviveu. Sabe-se, no entanto, que o TIER tem a capacidade de derreter qualquer material inorgânico: pedra, metal ou vidro, dos quais o metal quase sempre é seu divertimento preferido. Pode incinerar animais e homens, encolhê-los ou então transformá-los numa substância

parecida com ele, ou seja, um espírito de fogo de primeira ou de segunda categoria. Parece que na maior parte das vezes ele tem optado pelo último procedimento.

Os edifícios invadidos por um TIER ficam a maior parte das vezes de uma a duas semanas completamente destruídos. Atenção aos raios fortes: é evidente que o TIER prefere se materializar por meio de relâmpagos ou linhas telefônicas. Atenção também às tomadas: durante um ataque, o TIER pode soltar a qualquer momento um raio mortal ou um vapor altamente venenoso. Se ficamos expostos por mais de quinze minutos ao espírito de fogo de um TIER, a pele adquire uma duradoura cor alaranjada, que tem uma aparência extremamente repugnante, e fica também com um cheiro desagradável demais. Além disso, tanto a ponta do cabelo como a do nariz adquirem uma cor vermelha.

Medidas de segurança durante um ataque de TIER

Até mesmo aos mais experientes caçadores de fantasmas podemos somente insistir no conselho: durante um ataque de TIER, não tentem expulsá-lo. Até agora, toda tentativa terminou para os desafortunados caçadores de fantasmas em incineração ou transformação num espírito de fogo de menor categoria. Uma existência bem desolada, podemos assegurar. Se nenhuma fuga imediata for possível, recomenda-se, então, providenciar um espaço para o espírito de fogo no porão. É certo que os fantasmas têm uma predileção fora do comum por porões, mas a espécie espírito de fogo constitui, nesse ponto, uma notável exceção. Como os porões são em geral extremamente frios, encontramos com mais frequência espíritos de fogo no recinto do aquecimento central, na sauna ou em alguma sala aquecida para prática de lazer. Quanto a isso, o TIER não constitui nenhuma exceção. Se existir num edifício sob ataque uma adega, esse é o local ideal de fuga, pois o TIER tem apenas uma fraqueza conhecida: *alergia a álcool!*

É evidente que um TIER é intimidado por clássicos instrumentos de combate ao espírito de fogo (açúcar, vento frio, aspirador de pó portátil), mas apenas o álcool tem um efeito que dura mais de um minuto sobre esse imperioso e terrível fantasma. Um TIER em contato com álcool apresenta leve tendência à dissolução, à tontura e ao encolhimento.

Segundo nosso conhecimento, ainda não é suficiente o uso do álcool para realizar a expulsão de um TIER, mas atualmente é o único meio conhecido para proteger o corpo e a vida. Infelizmente, ainda não foi pesquisado em qual forma o álcool — vinho, espumante, vodka ou outro tipo de bebida alcoólica — tem um efeito mais forte sobre o TIER. Todas as experiências desse tipo foram encerradas abruptamente pelo próprio TIER.



Resumo

Se por azar vocês forem testemunhas ou vítimas de um ataque de TIER, fujam imediatamente! Repetimos, não tentem expulsá-lo! Na história da expulsão de fantasmas, ninguém ainda conseguiu tal feito!

Tom ergueu a cabeça. — Este foi o número um... continuo lendo?

Eva Cidreira fez que sim com a cabeça e olhou para o fogo da lareira.

— Péssimo, péssimo — ela murmurou.

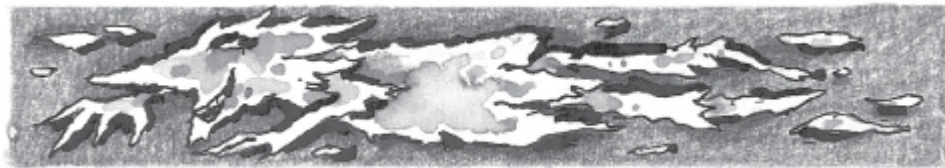
Tom pegou na mão a segunda folha do fax do senhor Encantador.

— Trecho do *Ponto de virada na pesquisa de fantasmas* — e abaixo constava o seguinte texto:

O famoso caçador de fantasmas Henry Malassombrado era, como o leitor interessado com certeza sabe, um dos poucos caçadores de fantasmas ultracorajoso que se dedicou principalmente à pesquisa e à luta contra o famigerado TIER. Infelizmente, as pesquisas de Henry Malassombrado terminaram de modo bastante trágico. Um dos TIERs que ele observava acabou transformando-o num espírito de fogo de primeira categoria, e as últimas informações sobre seu paradeiro indicavam que levava sua desolada vida de fantasma numa mina de ouro. Apesar disso, devemos realmente a esse homem corajoso nossas poucas informações relevantes sobre o temível TIER.

Todas as anotações de Malassombrado, que ele fez poucos minutos antes de ser transformado em fantasma, estão — salvo as que sofreram pequenas queimaduras — conservadas integralmente e agora em poder do [IPCF \(Instituto de Pesquisa para a Campanha contra Fantasmas\)](#). As anotações indicam inequivocadamente que uma determinada substância pode provocar pavor no TIER e que essa substância é o muco altamente nojento da espécie de fantasma frio e inofensivo, o assim chamado FMP.

Henry Malassombrado observou ainda outra coisa: que um TIER não consegue atravessar um rastro de muco do FMP.



Espantado, Tom ergueu a cabeça.

— Isso — comentou a senhora Cidreira — é muito interessante mesmo!

— E a gente proibiu Hugo de soltar por aí seus rastros — gritou Tom.

— Que coisa lamentável! — disse Eva Cidreira.

Tom continuou a leitura:

Quanto mais o muco do FMP diminuir o deslocamento do TIER, mais esquisita será sua forma de se comportar. Ele entra em pânico, seus movimentos se tornam agitados e descontrolados. E, em casos extremos, ocorrem as famigeradas piruetas do TIER. Nessas aparições ameaçadoras de assombrações acontecem as seguintes coisas: o TIER começa a girar cada vez mais rápido, o que na maioria das vezes é acompanhado por um barulho muito desagradável. Sua energia de fogo aumenta de maneira tão violenta que ele chega a furar o chão e desaparecer. Só não consegue fazer isso em areia muito fofa. Levando em conta esse fato, ele rodopia no ar e com sua energia se arremessa para cima na atmosfera. Outros efeitos da pirueta do TIER são possíveis, mas infelizmente aqui as anotações de Henry Malassombrado, devido à fuligem e ao fogo, estão ilegíveis e não podemos dizer nada exato sobre isso. Resta a esperança de que no correr dos anos ainda se possa angariar conhecimentos mais exatos nesse campo extremamente interessante, mas não pouco perigoso.

Tom e a senhora Cidreira se entreolharam.

— É isso aí — disse ela. — Desse jeito, conseguiremos. Mas nosso querido amigo FMP vai ter um trabalho danado!

Tom soltou uma risadinha. Isso não iria deixar Hugo contente. Tom olhou à sua volta, procurando o FMP.

— Mas onde ele está?

A senhora Cidreira apontou para cima. De algum lugar no primeiro andar vinham gritos agudos e o uivo abafado do FMP Hugo.

— Vamos deixar ele curtir um pouco mais! — falou a senhora Cidreira. — E sabe de uma coisa? Nós dois vamos comer agora

antes de pegarmos firme no batente. Que tal?

— Sim! — Tom soltou um suspiro. — Minha barriga está parecendo um ventríloquo!

— Que bom! — a senhora Cidreira se levantou e ajeitou o capacete de bombeiro. — Mas antes vamos falar com o senhor De Prestígio. Tenho ainda um pequeno trabalho para ele!



Eles encontraram o diretor De Prestígio na recepção, onde um hóspede atrás do outro devolvia as chaves. O pobre diretor estava tão branco que poderia ser confundido com um fantasma.

— Senhor diretor — disse a senhora Cidreira, pondo-se ao lado dele —, o senhor tem certamente uma adega no porão, não?

O diretor De Prestígio, preocupado, contorceu o rosto.

— É claro. Mas como assim? Esse fantasma não está...

— Não, não — a senhora Cidreira o tranquilizou. — Ao contrário. Lá seria o último lugar, até onde sei, em que se enfiaria. Portanto, vamos usar a adega como local de refúgio e reunião. Gostaria que o senhor alojasse lá todos os hóspedes remanescentes, pois é só uma questão de tempo para o TIER mudar de andar, e seria impossível vigiarmos todos os quartos. Além do mais, o senhor, por favor, dê autorização expressa para que todos usem garrafas de champanhe e de vinho para se defenderem quando toparem com o espírito de fogo!

— Bonito, hein! — ironizou o diretor. — Vocês não estão querendo me dizer que se pode caçar este espírito arrebatando garrafas na cabeça dele?

— Mas que tolice é esta?! — falou a senhora Cidreira. — Segundo nossas informações, o álcool tem efeito inibidor. Então, não faça cerimônias. Estamos em suas mãos, o senhor está me entendendo?

O diretor De Prestígio olhou para o teto, com ar de desespero.

— Vamos comer alguma coisa agora — disse Tom. — Se por acaso Hugo aparecer por aqui, por favor, o senhor poderia mandá-lo até nós?

— Ah, sim, mais uma coisa! — a senhora Cidreira abaixou o tom de voz. — O senhor não tem nenhum motivo para ficar com essa cara de desesperado, senhor diretorzinho. Temos grandes esperanças de que em breve resolveremos o enorme probleminha.

— O quê? Como? É mesmo? — o diretor De Prestígio recobrou um pouco a cor.

— Psiu! — a senhora Cidreira pôs o dedo sobre os lábios. — Mais tarde conto tudo ao senhor!

Em seguida, ela e Tom desapareceram pela sala de jantar.

Eles pediram o melhor prato do cardápio, por conta da casa, é claro, e, esfomeados, foram se empanturrando até a sobremesa. Mas nem sinal de Hugo.

— Esse FMP está só no bem-bom! — a senhora Cidreira olhou à sua volta. — Nós não deveríamos ter lhe dado os óculos escuros. Ele se comportaria um pouco melhor ao menos durante o dia!

Somente outras duas mesas estavam ocupadas. Em uma, estava sentada uma dama rechonchuda e de cabelo vermelho chamada Carapuça, que considerava espíritos de fogo uma divertida surpresa de férias. Na outra, o senhor e a senhora Gabakowski, que haviam ficado porque consideravam a história toda uma perfeita brincadeira. Os dois estavam tão bronzeados que mais pareciam uvas-passas. Vez por outra, eles lançavam

olhares maldosos aos caçadores de fantasmas, que não se incomodavam.

— Uma sorte dois cozinheiros terem ficado — comentou Tom, com a boca cheia.

— Sorte é o que precisaremos ter!

A senhora Cidreira pegou o terceiro pedaço de pudim de framboesa e pôs um pouco da deliciosa calda de chocolate nele.

De repente, ela se endireitou na cadeira e ficou atenta.

— Está sentindo algum cheiro? — ela perguntou.

Tom fungou. — De queimado! — constatou, preocupado.

— Isso mesmo. Que chateação! Não se tem sossego nem para comer! — a senhora Cidreira se levantou, dando um pulo. — Rápido! — ela gritou para os outros hóspedes. — Peguem algumas garrafas de champanhe do bufê e todo o açúcar que puderem encontrar! Logo mais vamos receber visitas!

A senhora Carapuça bateu palmas entusiasticamente e correu até o bufê. Os Gabakowski, porém, não saíram do lugar.

— Ridículo! — falou o senhor Gabakowski, saboreando sua água mineral. — Que tipo de gente a senhora pensa que somos?

O cheiro de queimado foi ficando cada vez mais forte.

Tom pegou a seringa de confeiteiro e Eva Cidreira colocou sobre a mesa três garrafas de champanhe e um pote cheio de açúcar.

— Se o álcool funciona com TIER — ela cochichou para Tom —, então ele talvez funcione também com pequenos espíritos de fogo, e eu acho que logo mais vamos lidar com eles!

Nesse instante, três mesas vazias saíram do chão. As toalhas da mesa viraram pó, e, entre os pés das mesas que pegavam fogo, brotaram cinco pequenos espíritos de fogo. Guinchando e silvando como fogos de artifício, eles avançaram em alta velocidade para cima dos hóspedes.

A água mineral do senhor Gabakowski se evaporou em seus lábios, e o garfo da senhora Gabakowski derreteu em sua mão. Com os dedos faiscantes, os espíritos de fogo agarraram os dois pelo cabelo. Nisso a peruca do senhor Gabakowski se desmanchou e se evaporou no chão. Em seguida, os espíritos deixaram os dois de cima a baixo chamuscados.

— Chacoalhem e abram a garrafa de champanhe! — gritou Eva Cidreira para a senhora Carapuça, que estava em pé sobre sua mesa com a boca aberta e com a garrafa na mão.

Pum! As rolhas estalaram no teto, e a champanhe espirrou nos corpos quentes e bamboleantes dos espíritos de fogo. Vacilantes e amarelos como cascas de limão siciliano, eles voaram para o chão e pareciam mais calmos.

— Traga para mim a garrafa térmica! — gritou a senhora Cidreira para um mensageiro que, duro feito pedra, apoiava-se na parede. — Rápido!

Tom pegou açúcar e salpicou nos espíritos de fogo que já não ofereciam mais perigo.

A senhora Carapuça jogou fora sua garrafa vazia de champanhe, pulou da mesa para agir e enterrou num monte de açúcar o espírito de fogo que chiava em seu prato.

— Maravilha! — gritou a senhora Cidreira. — A senhora é um talento natural!



A senhora Carapuça ficou tão vermelha quanto seu cabelo. Os Gabakowski, tremendo de medo, continuavam escondidos embaixo da mesa.

— Champanhe é cem por cento sucesso garantido! — Tom gritou, enfiou as luvas de cozinha e pegou dois espíritos de fogo que agora, cambaleantes, queriam atravessar a parede. Eles estavam quentinhos como pãezinhos tirados do forno.

— Quantos você tem aí? — perguntou Eva Cidreira.

— Dois!

— Eu também estou com dois! — usando um guardanapo, a senhora Carapuça tirou do cardápio de sorvete um vociferante espírito de fogo.

— Com o meu temos cinco! — concluiu a senhora Cidreira. — Já prendemos também a senhora Boca Rubra. Agora só falta um dos pequenos! — ela procurou à sua volta. — Onde estão as garrafas térmicas?

O mensageiro, que deveria pegá-las, continuava apoiado na parede.

— Tom, corra para o escritório do diretor! — gritou a senhora Cidreira. — Lá tem algumas que eu deixei preparadas. Mas corra. Não sei quando essas ferinhas vão voltar a esquentar!

Em velocidade recorde, Tom disparou pelo saguão do hotel, carregando em cada mão um espírito bamboleante amarelo.

— Estou sem tempo! — falou, ofegante, quando passou voando pelo atônito diretor. Ao chegar no escritório, ele enfiou seus prisioneiros em duas garrafas térmicas limpinhas e alinhadas, apertou as outras três embaixo do braço e voltou correndo. E chegou bem a tempo.

Os prisioneiros da senhora Carapuça já estavam novamente da cor laranja-escuro. Quando os espíritos já estavam enfiados nas garrafas, a dama de cabelo vermelho colocou um pouco de água em um copo para resfriar seus dedos quentes.

— Ui, que alívio! — ela suspirou.

— Nós agradecemos a sua ajuda! — Eva Cidreira apertou sua mão.

— Não foi nada! — murmurou a senhora Carapuça, acanhada.

Os Gabakowski ainda continuavam enfiados embaixo da mesa. Tom e a senhora Cidreira os largaram ali e levaram as garrafas térmicas para o escritório do senhor De Prestígio.

Exatamente quando atravessavam o saguão do hotel, encontraram Hugo descendo a escada bamboleando e levando um capacete de bombeiro na mão e um cilindro na cabeça.

— Você voltou a tempo — falou Tom ao recepcioná-lo. — Por onde você esteve todo este tempo? E onde arrumou este chapéu?

— Nãooo é daa suua coontaa! — sussurrou Hugo e flutuou para o escritório do senhor De Prestígio. — Maas see estão querendoo saber mesmoo... Noo terceiirro andar parece que a coisaa estáá péssiimaa. Hóóspedees se foraam, tudoo estáá quentee e fedeendoo, creedoo. Tenhoo de suumiir de noovoo imeediaatameente. Só troouxe o seu chapéuu de vooltaa comiigoo. Rooleei escadaa abaixoo!

— E no segundo andar? — a senhora Cidreira colocou as garrafas com os prisioneiros sobre a escrivaninha. — O TIER ainda está lá, Hugo?

— Nãooo! — disse Hugo, bamboleou para o aquário e assustou os peixes do senhor De Prestígio.

— Bem! — suspirando, Eva Cidreira se pôs à vontade na cadeira do diretor De Prestígio. — Então ainda temos um pouco de tempo. Sobretudo você, Hugo!

— Euu? Comoo assiim euu? — Hugo adquiriu uma cor rosaclara.

— Porque vamos precisar de uma quantidade de muco de FMP — disse Tom e sorriu com ironia —, um barril cheio. Tire os sapatos e pode começar o trabalho!



Hugo passou a tarde inteira bamboleando na borda de uma banheira. Quando escureceu lá fora, a banheira estava cheia até a borda com o reluzente e pegajoso muco de FMP, e Hugo sentindo dores nos pés. Mal-humorado, ele se enfiou num armário embutido enquanto Tom e a senhora Cidreira enchiam baldes com o resultado do esforço dele. Eles arrastaram um balde cheio até o porão, para pintar com o muco a porta da adega. Nesse meio-tempo, todas as dezesseis pessoas, incluindo o diretor, já se encontravam ali, pois a senhora Carapuça e os Gabakowski tinham descrito na sala de jantar o acontecimento tão detalhadamente que até mesmo aqueles que negavam a existência de fantasmas não se sentiam mais seguros em seus quartos. Mas, como costumava dizer Eva Cidreira, com fantasmas nunca se brinca. Por isso, todos os ocupantes do porão receberam garrafas de champanhe — obviamente que do tipo mais barato — e um pacote de açúcar. Essa podia ser uma noite muito desagradável, mas muito desagradável mesmo. Disso ninguém duvidava...

Mais quatro baldes de muco de FMP foram estocados atrás da recepção para outras pinceladas de muco mais tarde. E, por fim,

Tom e a senhora Cidreira arrastaram mais alguns baldes para a praia. Hugo, bocejando, veio atrás deles. O sol estava vermelho e quente sobre o mar, e as ondas lambiam a areia úmida, produzindo um suave barulho de língua estalando.



— A água do hotel está desligada? — perguntou Eva Cidreira.
— O TIER não pode de jeito nenhum recuperar suas forças debaixo do chuveiro!

— Não se preocupe. A água foi cortada — disse Tom.

O sol mergulhou no mar e derramou um fogo líquido nas ondas.

— Temos maré cheia no momento. A água ainda vai subir mais, e por isso não tem sentido proteger a costa! — a senhora Cidreira fez um risco com o pé na areia. — Até aqui, Hugo. Até aqui o TIER pode vir e nenhum passo baboso a mais. Despeje todos os baldes, e, se ele vier, solte mais muco fresco em cima. Se ele mergulhar no mar, estaremos todos perdidos! Você me entendeu?

— Siim, siim, eeu nãoo soou booboo nãoo — bufou Hugo, ofendido. — Atraiaam o TIER primeeiiroo praa cáá. Daíí eeu cuiidoo doo restoo!

— Tomara que sim — murmurou Tom e olhou em direção ao hotel. As janelas do terceiro e do quarto andares estavam iluminadas por uma luz vermelha, e por um momento ele pensou ter visto uma cintilação suspeita também no segundo andar. Mas quando ele reparou melhor, o fantasma havia sumido.

— Hugo, deixe então seu rastro — disse a senhora Cidreira. — E, atenção, nenhuma mancha lá na escada. Ele tem de pegar exatamente este caminho, você está me entendendo?

— Talveez meu muucoo atéé estejaa acaabandoo! — Hugo deu uma gargalhada.

— Deixe de piada boba, vai — falou a senhora Cidreira. — Esse fantasma não tem graça nenhuma. Vamos, Tom, cuidar do saguão e do salão!

Mas Tom ficou plantado ali, olhando para o segundo andar.

— Olhe lá para cima — murmurou ele. — Veja à esquerda, a janela do quarto andar. Tem alguém correndo em círculos com uma vela lá!

A senhora Cidreira e Hugo se viraram e olharam para cima. Tom tinha razão. Atrás da quarta porta da sacada havia uma luz cintilando e uma sombra escura se mexia pelo quarto.

— Aquele é o quarto do Schemmel! — gritou a senhora Cidreira. — Ele estava reclamando no porão que tinha esquecido sua dentadura lá no quarto. Mas será que ele ficou tão louco assim que chegou a voltar de novo ao quarto?

A luz ainda continuava acesa no quarto do senhor Schemmel.

— Ele ficou louco mesmo! — afirmou Tom. — O que a senhora acha? Hugo e eu não deveríamos subir e tirá-lo de lá?

— Ooh, não. Seem miim, éé óbvioo! — Hugo encolheu. — Eeu estooou completaameente exaustoo por caausa de todoo esse muucoo!

— Ei, vamos lá! Não se comporte desse jeito! — disse Tom. — Vamos voar rápido para lá, pegamos o senhor Schemmel e o levamos de volta para o porão. Sabe-se lá como ele pode acabar nos atrapalhando depois!

— Muito beem! — gemeu Hugo, apertou Tom debaixo do braço e flutuou com ele até a sacada do senhor Schemmel.

Eles não tinham subido muito quando a porta da sacada abriu de repente e o senhor Schemmel, gritando, debruçou-se sobre o parapeito, segurando na mão esquerda uma garrafa de champanhe e, na direita, a dentadura.

— Socorro! — ele berrou. — Socorro, o fan... o fan... o fan... tasma! — sobre seu ombro, apareceu uma mão em chamas.

— Hugo, rápido! — gritou Tom.

O TIER passou a cabeça de fogo pelo vão da porta da sacada, gargalhou e esticou os dedos ardendo em chamas em direção ao senhor Schemmel.

— Suma! — gritou o senhor idoso e tirou a rolha de sua garrafa de champanhe. Puf! A rolha caiu na areia e a champanhe, espumando, respingou na mão de fogo.

— Aauuuuaauuuuaauuuuaaauuaauuuuu! — uivou o TIER e lambeu com a gigantesca língua em chamas a champanhe dos dedos. Daí rosnou ameaçadoramente.

Parecia que o TIER não havia notado a presença de Tom e de Hugo. Ele continuou lambendo a mão inteira, silvando e bufando. De tão assustado, quase que os olhos do senhor Schemmel saltaram das órbitas, quando ele viu o inchado Hugo flutuando sobre o parapeito da sacada. Por pouco ele não despencou de susto.

Tom, com apenas um salto, estava na sacada.

— Não tenha medo! — ele gritou. — Este é só um FMP!

FMP! A palavra mal tinha saído dos lábios de Tom, e o TIER com um tranco ergueu a cabeça. E novamente Tom fixou o olhar naqueles abomináveis olhos. Dessa vez, eles pareciam pretos, pretos como carvão e tenebrosos como um incêndio. Os joelhos de Tom começaram a tremer bem devagar.

— Hugo! — ele gritou e, com os dedos trêmulos, pressionou sua seringa de confeitiro por todo lado, mas não saiu nada, nem mesmo uma gotinha. — Hugo! — a voz de Tom saiu esganiçada. — Leve a gente lá para baixo, rápido!

— Ele já se foi! — sussurrou o senhor Schemmel, com voz rouca. — O fantasma amigo de vocês já se foi!



Tom olhou à sua volta, incrédulo. Mas era verdade. Nenhum sinal de Hugo. O coração de Tom começou a disparar.

O TIER ainda continuava encarando-os. Agora ele não estava mais lambendo os dedos, mas os lábios. Ele soltou uma baforada

em Tom, e o rosto do garoto, sob aquele creme especial, começou a pinicar como se nele estivessem enfiados milhares de alfinetes quentes.

— O queeee é essteee falatóriooo todo sobre oo FMMP? — cochichou o TIER. Tom jamais havia ouvido algo tão medonho como aquele cochicho. — Ondeee estááá esse toonntoo do FMMP? Eu vooouuuu fazer eleee viraar vapoórrr!

— Nãoo vaai nãoo! — a mão de Hugo apareceu feito fumaça branca por debaixo da sacada, passando os dedos cheios de muco pelo parapeito. Seus braços bamboleantes enlaçaram, rápidos como um raio, Tom e o senhor Schemmel. Depois Hugo, com a maior facilidade, ergueu-os e tirou-os dali.

Esbravejando de raiva, o TIER saiu fervendo atrás deles, mas, quando ele passou seus braços em chamas sobre o parapeito, retornou ganindo e se coçou como se tivesse pulga.

— Hahaaa! — gritou Hugo, triunfante. — Hahaa! Olhaa só. Haa!

O sol mergulhou no mar e coloriu o céu de vermelho. O TIER estava na sacada, mas se apagava e desaparecia como uma luz que acaba de ser desligada.

Hugo colocou de mansinho Tom e o senhor Schemmel na areia, ao lado da senhora Cidreira.

— Senhor Schemmel, como o senhor pôde nos causar tanto aborrecimento? — ralhou a caçadora de fantasmas. — Meus assistentes arriscaram a vida pelo senhor. A vida!

— Mas minha dentadura! — revidou o senhor Schemmel e segurou a dentadura diante do nariz dela. — Eu precisava disto aqui!

— Ah, mas se virasse um espírito de fogo certamente não iria precisar disto! — a senhora Cidreira olhou, preocupada, para a sacada do senhor Schemmel. Não se via nenhum sinal do TIER.

— Não estou gostando nada disso — sussurrou a senhora Cidreira. — Ele deve estar furioso, muito furioso. Ainda bem que agora ele não vem aqui para baixo. Senão todo nosso plano iria por água abaixo! — ela agarrou o braço de Tom. — Vamos, precisamos espalhar o muco pelo hotel. Hugo, você deixe tudo preparado aqui na praia!

— Siim, seenhooraa! — disse Hugo e, cansado, bamboleou sobre a areia. Por todo canto onde seus pés brancos pisavam, largavam atrás deles um cintilante rastro de muco.

Tom e a senhora Cidreira se apressaram em retornar ao hotel com o arrependido senhor Schemmel. Quando eles cruzaram a sala de jantar, ele empurrou, constrangido, a dentadura na boca.

Eles entraram no saguão do hotel, que estava escuro.

— Schemmel, o senhor deve ir até a adega — falou a senhora Cidreira. — E mande um recado aos que estão lá: se eu topar com alguém aqui em cima, eu mesma, pessoalmente, faço dele um espírito de fogo!

O senhor Schemmel saiu voando dali; Tom e a senhora Cidreira ficaram sozinhos no saguão.

O cheiro de fumaça estava ficando extremamente forte.

— Rápido! — disse a senhora Cidreira. — Nós não temos mais tempo a perder. Acho que esse TIER está tão furioso com seu fracasso na sacada que não vamos precisar nem atraí-lo aqui para baixo! — eles pegaram os baldes cheios de muco de FMP que se achavam atrás da recepção e espalharam o conteúdo com grandes pinceladas em todas as portas. Só a porta do salão, que dava para a varanda e por onde se ia até a praia, não foi pincelada com muco. Depois, pintaram todos os rodapés, lambuzaram os tapetes e as paredes e, por fim, mergulharam as mãos no balde praticamente vazio.

— Eca! — gemeu Tom. — É nojento! Só espero poder remover essa meleca toda!

Eles foram ombro a ombro até a porta do salão. O grande hotel estava num silêncio mortal.

— Parece que ele levou um belo susto! — sussurrou Eva Cidreira. — Não imaginava que ele fosse nos deixar esperando tanto tempo!

— Para mim, ele está esperando a coisa ficar calma! — sussurrou Tom de volta. Mas, de repente, ele sentiu que ali estava ficando quente, muito quente. Quente como um forno.

— Ele está vindo! — gritou a senhora Cidreira.

E o TIER chegou.





Primeiramente, o teto mudou de cor. A fuligem caía e amarronzadas marcas de queimado se espalhavam como tinta nanquim sobre um mata-borrão. Em seguida, as chamas arderam nas paredes, rastejando por todo o lado como animais terríveis em direção a Tom e Eva Cidreira. A porta do elevador se abriu, e nuvens de fumaça amarelas, ardendo e fedendo, saltaram para fora. Depressa, os caçadores de fantasmas puseram prendedores nos narizes, o que, com os dedos pegajosos de muco, não era tão simples assim, e fixaram o olhar no elevador. Mas o TIER não veio de lá.

Ele veio pelo teto. Desceu pegando fogo, e, pela primeira vez, os caçadores de fantasmas conseguiram ver nitidamente seu aspecto. Suas pernas eram tortas e curtas e sustentavam com dificuldade o peso de seu corpo grosseiro. Os braços iam até os joelhos, e sua cabeça gigante estava entalada, sem pescoço, entre os ombros inclinados e curvos.

— Zzzzzzrrrrhhhhh! — rosnou o TIER, arreganhando os dentes. Ele sacudiu sua juba de fogo e procurou algo ao seu redor. Seu olhar ardente parou em Tom e na senhora Cidreira.

As pernas de Tom queriam sair correndo e fugir daquele calor de morrer e do terrível fantasma de fogo, que crescia a cada respiração. Mas Tom permaneceu onde estava. Ficou como haviam combinado. Pois eles eram a isca que precisavam para atrair o TIER até a areia fofa onde o muco de Hugo o faria dar suas típicas piruetas.

O plano deles parecia certo. O TIER chegou perto deles batendo os pés. No terceiro passo, ele pisou com um de seus dedos de fogo no muco de Hugo. Uivando, ele ergueu o pé, coçou-se como um louco e, furioso, soltou uma labareda em cima de Tom e da senhora Cidreira.

— Saudações pegajosas! — gritou Tom. — Saudações pegajosas de nosso FMP!

— Schschchchhhrrraaaa! — bufou o TIER e deu um salto gigante em cima dos caçadores.

— Rápido! — gritou a senhora Cidreira.

Tom não pensou duas vezes. Eles correram emparelhados pelo salão, derrubando cadeiras e trombando com mesas e vasos, até chegarem lá fora na varanda. Já na areia, ao luar branco-azulado que brilhava, Hugo aguardava por eles.

Quase sem fôlego, tossindo por causa da fumaça, Tom e Eva Cidreira desceram aos tropeços a escada que levava à praia. Eles já estavam sentindo a respiração quente do TIER na nuca, mas só se viraram quando estavam ao lado de Hugo. Como uma bola de fogo gigante, o TIER saltou, com as pernas tortas, da varanda para a areia, caindo bem no meio do círculo que Hugo tinha desenhado com seu reluzente muco de FMP. Bufando, ele olhou à sua volta, pulou para a esquerda, pulou para a direita e não encontrou uma saída.

— Hahaa, você está curtindo isto? — zombou Hugo e espreguiçou-se, satisfeito, ao luar.

Berrando, o TIER pulava em círculos na areia, cada vez mais rápido, até girar como pião. Ele urrava terrivelmente. E a cada

giro ele ficava mais fino e mais comprido, até se tornar uma coluna rodopiante de chamas que subia ao céu.

— Quase! — sussurrou a senhora Cidreira. — Por pouco não conseguimos!

Mas então, inesperadamente, o TIER ergueu seus braços em brasa, interrompeu seu giro uivante, encolheu-se novamente e parou com um tranco. Ficou impávido e de costas para os caçadores de fantasmas. Depois ficou vermelho-escuro, sua silhueta na noite.

Eva Cidreira puxou Tom pelo braço alguns passos para trás, e até mesmo Hugo não flutuou tão perto do espírito de fogo.



Eles ouviram um suave rosar, obscuro e ameaçador. Em seguida, o TIER virou rapidamente com a boca escancarada e

soprou os rastros de muco de Hugo com toda a força que ainda lhe restava. Sua respiração era quente como fogo líquido.

Tom, para se proteger, pôs as mãos diante do rosto. Sua pele queimava, seus olhos lacrimejavam e seu cabelo pelava como se a qualquer momento fosse pegar fogo. Hugo retornou, bamboleando e uivando.

— Cuidado! — gritou a senhora Cidreira. — Ele está vindo! — o TIER continuava soprando. De tanto soprar, ele tinha encolhido ainda mais. Mas o muco de Hugo também se alterava. O TIER começou a silvar e a exalar vapor, e então, de repente, virou cinzas.

Tom e a senhora Cidreira, horrorizados, retrocederam até ficarem com os pés na água.

— Agora nós perdemos! — sussurrou Eva Cidreira. O TIER estava só um pouco maior que Tom, mas estava livre. E, poucos metros além, o mar transbordava sobre a areia, que estava em brasa com o sopro escaldante do espírito de fogo.

— Voooocêsssss vãooooo veeerrrrrrrrr! — esbravejou ele. Soprando fumaça e fedendo, ele pulou na água e mergulhou com seu corpo em chamas nas ondas. Cresceu, como uma labareda, em direção ao céu negro, cada vez mais alto, cada vez maior até encobrir a lua.

— Uuuuaaaaaaaaa! — rosnou o TIER ameaçadoramente e esticou seus braços de fogo.

De repente, apareceu atrás de seu joelho esquerdo uma coisa verde e bolorenta, bamboleando.

— Hugo! — gritou Tom. — Hugo, saia já daí! Suma! Rápido!

Mas Hugo nem pensou naquilo. Ele acenou para Tom e a senhora Cidreira e flutuou lentamente para cima do TIER. Eva Cidreira balançava a cabeça, sem acreditar no que via.

— O TIER vai fazê-lo virar vapor! — gritou Tom, desesperado. — Temos de fazer alguma coisa!

Mas Eva Cidreira apenas murmurou:



— Este FMP tem alguma coisa em mente. Mas o quê?

Enquanto isso, o TIER já havia descoberto Hugo. Estupefato, ele olhou para baixo e lá estava Hugo. Em comparação ao

gigante espírito de fogo, que ardia em chamas e crescia cada vez mais sobre as ondas, Hugo parecia um lenço branco com o qual o vento brincava.

— Aaaahhh, FMMMMMMMMMP! — vociferou o TIER. — Eu vooooou tee evaaaaaporar! Éééééé issooo o que vooou fazeeer!

Com suas mãos de fogo, ele bateu em Hugo como se batesse numa mosca irritante. Porém, o FMP se esquivava com habilidade.

Tom ficou arrepiado. Até mesmo o mar estava tingido de vermelho sangue pela fantasmagórica luz do TIER, e Hugo parecia estar levando uma surra, enquanto bamboleava em torno daquelas pernas imensas e tortas. Mas dava uma clara impressão de estar se divertindo.

— Evaapoorar? Evaapoorar? Nãoooo me façaa riir! — gritou ele em voz alta. Hugo flutuou cada vez mais alto, passando pelos dedos de fogo que tentavam agarrá-lo, até ficar sobre a juba de fogo do TIER.

— Paara miim tá boom, suaa cooisa noojentaa! — sussurrou Hugo. E depois cuspiu bem no meio da cabeça do enorme espírito.

— Iiiiiiaaaarrrrr! — guinchou o TIER, inchou-se como uma bexiga de fogo e estourou, fazendo um estrondo que arrebentou todas as vidraças do Pérola da Praia. Milhões de faíscas de fogo caíram no mar. Hugo rodopiou de volta para a praia e atirou-se ao lado de Tom na areia.

— Inacreditável! — respirou fundo.

Ainda continuava chovendo faíscas vermelhas do céu. A noite reluzia como um grande fogo de artifício.

— Coomoo euu fiz issoo, heiin? — perguntou Hugo, e estufou-se de orgulho. Em algumas partes do corpo, ele parecia estar um pouco queimado, mas, se não fosse por isso, ele parecia gozar da melhor saúde de fantasma.

— Não consigo entender! — gritou a senhora Cidreira. — Simplesmente não dá para entender isso. De onde você tirou essa ideia de que seu cuspe poderia ter esse efeito no monstro?

— Ah, issoo! — Hugo bamboleou preguiçosamente em volta do nariz dela. — Eraaa muito óbvioo!

— Não é nada óbvio! — gritou Tom. — De onde você tirou essa ideia?

Hugo gargalhou.

— Quandoo vocês contaraam sobre o mucoo. Aíí vocês deixaaram a coisaa claaaa. Meuu cuspee é muitoo maiis viscoosoo do que meuu próprio mucoo. Maiis pegajoosoo. Agoraa vocês entendeeem?

— Só você mesmo, só mesmo um FMP! — Eva Cidreira deu um empurrãozinho amigável no corpo agitado de Hugo.

— Porquee euu queriaa fazeer umaa surpresa! — gritou Hugo e deu uma cambalhota no ar. — E fooi mesmoo umaa maravilhoosaa surpresa, ou não?

— Sem dúvida! — suspirou Tom. — Sua surpresa quase me matou. Por favor, pense nisto da próxima vez: eu não curto surpresas tanto quanto você, ok?

— Seu eestraaga prazeerees! — disse Hugo e de leve tocou o nariz de Tom com o dedo.

Depois, os três caçadores voltaram para o hotel cansados, mas muito felizes.



Tom ficou incumbido de informar aos ocupantes da adega sobre o fim do TIER. E a alegria foi ensurdecadora. Um dos cozinheiros levou de volta para o salão do hotel o mais jovem caçador de fantasmas sobre o ombro, e o diretor De Prestígio declarou que os membros da Cidreira & Cia. seriam convidados de honra vitalícios do hotel.

Salvas, as pessoas correram então para a praia, onde ainda continuavam reluzindo pequenas faíscas vermelhas no vento da noite, e lá comemoraram a gloriosa expulsão do fantasma, comendo e bebendo, dançando e cantando. Hugo achou que um grande aglomerado de homens cantando soava tão horrível quanto qualquer uivo de fantasma. Tom tinha a mesma opinião, e os dois foram se sentar na areia. Um pouco afastados do barulho, olharam para o mar onde o luar, espelhando-se nas ondas, formava uma rua prateada.

Eva Cidreira e o diretor De Prestígio também não foram se juntar à comemoração. Realizaram uma inspeção por todo o hotel e constataram que o Pérola da Praia estava realmente livre de fantasmas; com exceção de um minúsculo espírito de fogo

que encontraram dentro de uma caneca de escova de dentes e capturaram-no sem dificuldade.

De resto, o estado do hotel era, sem dúvida alguma, bastante deplorável. Paredes, tetos, móveis, tudo queimado, chamuscado e repleto de cinzas. Todos os trincos e os números dos quartos estavam derretidos, e as marcas dos pés do TIER não seriam removidas do tapete com nenhum material de limpeza do mundo.

Quando eles pegaram de novo o elevador amassado para descer, o diretor De Prestígio irrompeu em lágrimas. Elas escorreram pelas bochechas e pingaram pelo bigode do homem.

— Estou arruinado! — ele soluçou. — Completamente arruinado!

— Nada disso, meu querido diretor — disse a senhora Cidreira e acariciou com simpatia o ombro dele. — Não é motivo para perder a cabeça. O senhor não tem seguro?

— Contra fantasmas? — o diretor perguntou, ofegante. — É claro que não!

A senhora Cidreira balançou a cabeça.

— Mas isso é muito desleixo de sua parte. É recomendável que todo grande edifício tenha seguro contra fantasmas. Grandes edifícios exercem uma atração muito forte sobre qualquer tipo de assombração!



— Mas eu não sabia disso! — queixou-se o diretor. — Como pode um homem normal saber dessas coisas?

Com um leve chiado, a porta do elevador se abriu e os dois entraram no saguão do hotel. A comemoração continuava do lado de fora.

— Vamos lá para fora? — perguntou Eva Cidreira.

Mas, triste, o diretor De Prestígio respondeu balançando a cabeça:

— Não me sinto disposto para festas!

— Tudo bem, vamos então até o seu escritório. Ainda tenho de prender este aqui! — a senhora Cidreira ergueu o espírito de fogo que havia sido preso, pegou de mansinho o diretor que soluçava pelo braço e, bem de levinho, foi empurrando-o. — Se o senhor fizer um cafezinho, eu falo para o senhor o que poderíamos fazer para salvar o seu hotel da ruína!

— Verdade? — espantado, o diretor a fitou. — A senhora tem mesmo uma ideia?

— Sim, e acho até que é uma boa ideia — disse a senhora Cidreira.

O diretor abriu a porta do escritório.

— Oii, direetoor! — Hugo estava sentado na poltrona do diretor e tinha posto os pés embolorados de cor verde sobre a escrivaninha.

— Vamos, Hugo, saia daí — disse Tom. Ele se apoiou na cadeira de visita e parecia bastante cansado.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — perguntou a senhora Cidreira. — Estão sem vontade de comemorar?

Tom balançou a cabeça e bocejou.

— Eeuu tambéem nãão! — falou Hugo e se levantou bamboleando da poltrona do diretor De Prestígio. — Tooda hoora alguéem queer mee daar a mão e me agradeecer. Meeus dedos ficaam muitoo quentes poor isso. Quee nojoo!

O diretor De Prestígio se dirigiu até sua máquina de café. — Querida senhora Cidreira, a senhora poderia agora me contar qual é a sua ideia?

— Mas é claro — Eva Cidreira colocou o espírito de fogo na última garrafa térmica ainda vazia e sentou-se na ponta da escrivaninha. — Eu andei pensando que o senhor poderia transformar o Pérola da Praia num hotel de fantasmas!

O diretor deixou cair o filtro de café, de tanta surpresa. — Um o quê? — perguntou ele e sacudiu o pó de café do sapato.

— Um hotel de fantasmas — repetiu Eva Cidreira. — Minha ideia é a seguinte: o senhor economiza os custos de renovação e deixa as campainhas e os números dos quartos derretidos, como eles estão agora. As marcas de pé no tapete eu também deixaria, o que surtiria um ótimo efeito. Ah, em alguns quartos, eu não removeria nem a fuligem nem as cinzas, e eles seriam as

superluxuosas suítes espírito de fogo, nossa garantia de autenticidade!

— Estou entendendo! — empolgado, o diretor puxava os pelos do bigode. — Sim, estou entendendo, pode continuar por favor!

Eva Cidreira sorriu. — Com prazer! Próximo passo: o senhor contrataria um fantasma inofensivo como garçom para a sala de jantar. Eu lhe recomendaria o [FTI \(Fantasma Totalmente Inofensivo\)](#). Um grande amigo meu tem uma agência de contratação e certamente poderia lhe dar outras recomendações. Por fim, o senhor pergunte ao nosso querido Hugo aqui se ele de vez em quando não passaria um fim de semana e faria uma sessão especial de assombração. Para essas coisas, ele é especialmente indicado!

Hugo, lisonjeado, ficou da cor lilás. — Eeu topaariia se foossee para ter um cantiinhoo coonfoortável no porããoo!

— Mas não é uma má ideia? — disse Tom.

— Má ideia? — gritou o diretor De Prestígio. — Má ideia? Trata-se de uma excelente ideia! Como eu posso agradecê-los, meus queridos, minha querida senhora Cidreira? — ele a abraçou.

— Não tem de quê, senhor diretor — disse a senhora Cidreira e libertou-se delicadamente do abraço do diretor. — Eu me alegro que as coisas tiveram um bom final. Já íamos quase nos esquecendo de algo!

Eles se entreolharam, surpresos.

— Ah, sim, de seus hóspedes! — Eva Cidreira apontou para as sete garrafas térmicas. — Precisamos ainda transformá-los de novo em humanos!

— Sim, e tem jeito? — perguntou o diretor, espantado.

— Sim, sim. Não é tão simples e leva um tempo, mas tem jeito sim. Vamos precisar de algodão, calda de açúcar com sabor de hortelã-pimenta e certa paciência. Eu diria — ela olhou ao seu

redor — que nós todos não deveríamos dormir sem antes executar este trabalho. O que os senhores acham disso?



Hugo se recusou a ajudar na transformação dos espíritos de fogo em humanos. Ele achou que já tinha trabalhado por pelo menos cem anos e bamboleou dali, a fim de procurar um cantinho confortável no porão onde pudesse sonhar com seu feito heroico.

Os outros três se puseram a trabalhar. O diretor De Prestígio cuidou de todos os ingredientes de que eles precisariam, enquanto Tom e a senhora Cidreira cobriam toda a escrivaninha dele com jornal; afinal, calda de açúcar é uma coisa grudenta.

— Pronto? — perguntou a senhora Cidreira e vestiu sua luva de cozinha.

— Pronto — disseram Tom e o diretor De Prestígio, que também vestiram luvas de cozinha; em seguida, cada um pegou uma garrafa térmica.

Os espíritos congelados em gelo seco davam a impressão de estarem sonolentos demais. Eles se agitavam um pouco como se tivessem acabado de sair de suas prisões.

Tom segurou um fantasma bem perto de seus olhos. — Acho que apanhei a senhora Boca Rubra — constatou ele. — Ai, agora ela acabou de morder meu dedo!

— Sim, sim — disse o diretor De Prestígio e deu um sorrisinho. — A senhora Boca Rubra sempre teve, como posso dizer, um caráter mordaz!

Ele observou cautelosamente o espírito que se debatia em sua mão. — Oh, em minhas mãos evidentemente que está o doutor Tronco-e-Pescoço, médico de garganta, nariz e ouvidos!

— E em minhas mãos? — a senhora Cidreira segurou diante do nariz do diretor seu espírito de fogo.

— É a dona Estrita Schulz, uma dama idosa e atraente, mas no momento não está com essa aparência!

— Pois bem — disse a senhora Cidreira, e molhou um chumaço de algodão numa grande tigela cheia até a borda com calda de açúcar. — Primeiro se unta com calda de açúcar a parte infero-posterior da cabeça e os ombros. O rosto é melhor pular, pois o óleo de hortelã-pimenta faz os olhos arderem. Depois untamos o tronco e os braços, e, por último, as pernas. É claro que não é preciso cobrir cada centímetro com calda de açúcar, mas a camada deve ser bastante grossa!



— E quando o fantasma já estiver completamente besuntado, o que fazemos? — perguntou o diretor, enquanto passava calda de açúcar da cabeça aos pés no doutor Tronco-e-Pescoço.

— Então — respondeu a senhora Cidreira —, coloque-o sobre a escrivaninha. Por causa da calda de açúcar, ele não consegue sair dali flutuando, e, em quatro ou cinco horas, ou seja, ao alvorecer, sua transformação em humano já estará consumada.

— Muito interessante — murmurou o diretor De Prestígio. Ele pôs o doutor, que estava com uma cara muito zangada, ao lado de seu aquário. — Preciso dizer que estou realmente feliz por não ter virado um espírito de fogo!

Tom acabou de untar a senhora Boca Rubra e a pôs ao lado do doutor besuntado de açúcar. Do mesmo modo, ainda trataram do senhor Osvaldo Modinha, um famoso apresentador de tevê, da senhora Ribeiro do Martelo e do seu filho Wolf, cuja ponta do nariz quase foi queimada por Eva Cidreira, e do senhor Ludovico Bazófilo, que era um hóspede tão desagradável que o diretor De Prestígio até gostaria de deixá-lo dentro da garrafa térmica.

Quando finalmente todos os espíritos de fogo capturados se achavam sentados na escrivaninha e untados com calda de açúcar, Tom e a senhora Cidreira se sentiram tão cansados que decidiram descansar um pouco. O diretor estava inconsolável por não poder lhes oferecer camas intactas, mas tratou de lhes arranjar duas cadeiras de repouso bem confortáveis, com mantas e travesseiros, e assim os dois caçadores de fantasmas se retiraram para o quarto vizinho ao escritório do diretor.

De Prestígio deu uma saidinha para ver seus hóspedes e empregados que ainda comemoravam na praia.

— Eva... — disse Tom, quando eles estavam em suas cadeiras lado a lado e enrolados em suas mantas —, desta vez nós escapamos por pouco, ou não?

— Sem dúvida! — respondeu a senhora Cidreira e bocejou. — Realmente não dá para brincar com um TIER. Logo que voltarmos para casa, eu vou escrever para a *Grande Enciclopédia de Fantasmas* e informá-los de nossas descobertas. Isso deve estar acessível o quanto antes a todos os caçadores de fantasmas!

Tom deu uma risadinha. — Sim, mas nem todos os caçadores têm a sorte de trabalhar com um FMP. Onde eles vão arranjar muco e cuspe?

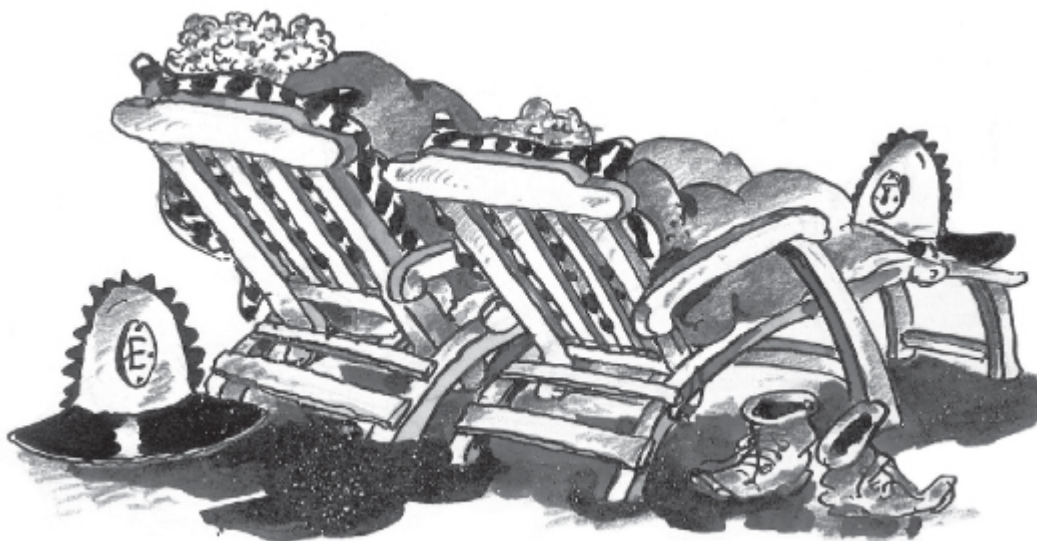
— Ainda bem que não tenho de me preocupar com isso! — suspirou a senhora Cidreira e fechou os olhos.

— Existem mesmo ainda quatro espécies de fantasmas que são tão terríveis quanto o TIER? — perguntou Tom.

— Com certeza — respondeu a senhora Cidreira, sonolenta. — Dois desses eu classificaria como ainda mais perigosos. Mas não vou te contar nada agora, senão você nem vai conseguir fechar os olhos de tanto medo!

— É mesmo? — murmurou Tom e puxou a manta até o nariz. — Ainda mais perigosos? Não consigo nem imaginar!

E, logo depois, ele adormeceu.



Relação de siglas do caçador de fantasmas

ACC	Armadilha de Contato e Compressão
AHF	Aparição Histórica de Fantasma
CCCCF	Comissão Central da Campanha Contra Fantasmas
CEP	Cães de Espírito Preto
CNN	Cinto de Neutralização Negativa
EAL	Espírito de Água Lamacenta
EBF	Espírito de Batida Fedorenta
EC	Eva Cidreira
EFH	Espírito com Forma Humana
EMM	Espírito de Mordida Miúda
EPM	Espírito Pálido Molenga
EVN	Espírito Vapor Nublado

FBP	Fantasma de Brejo e Pântano
FFC	Formador de Figura de Cerração
FMP	Fantasma Medianamente Pavoroso
FIR	Fantasma Inacreditavelmente Repugnante
FPN	Fantasma com Passado Negro
FTI	Fantasma Totalmente Inofensivo
HODECF	Hospital para Desassombrar os Caçadores de Fantasmas
IPCF	Instituto de Pesquisa para a Campanha contra Fantasma
MEF	Medidor de Energia de Fantasma
PNAF	Projeção Negativa de Aparição de Fantasma
QDCF	Quinto Diploma de Caçador de Fantasmas
RCV	Redemoinho de Calça Ventania
RTRAF	Relação de Todos os Registros de Aparições de Fantasmas
SCCCFF	Secretaria da Campanha Contra o Castelo e a Fortaleza de Fantasma
SDCF	Segundo Diploma de Caçador de Fantasmas
SDF	Simulador de Disfarce de Fantasma

SRAF	Secretaria para o Recenseamento de Aparição de Fantasma
TDCF	Terceiro Diploma de Caçador de Fantasma
TIER	Terrível e Invencível Espírito Relâmpago



***Cornelia Funke** nasceu em Dorsten, Alemanha, em 1958. Estudou pedagogia em Hamburgo e, na mesma cidade, concluiu o curso de ilustração de livros na Faculdade de Artes e Produções Gráficas. Desde 1987, ela só escreve e ilustra livros infantis e juvenis.*

Ela está entre as mais conhecidas e queridas autoras de livros infantis e juvenis do mundo. É autora do aclamado O cavaleiro do dragão e da trilogia Mundo de tinta (já publicados no Brasil). Recebeu inúmeros prêmios e distinções — o que mostra não só o encantamento que seus livros provocam como também que são lidos por pessoas de todas as idades. Quase todos os seus livros são ilustrados por ela mesma. Pela Brinque-Book publicou Os caçadores de fantasmas atrás de uma pista fria.

Publicado originalmente na Alemanha, em 1994, por Loewe
Verlag GmbH,
sob o título *Gespensterjäger im Feuerspuk*.

Copyright do texto e das ilustrações © Cornelia Funke, 1994.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra, protegida por copyright, pode ser
reproduzida,
armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum meio,
seja eletrônico
ou mecânico, inclusive fotocópia e gravação, ou por qualquer
outro
sistema de informação, sem prévia autorização por escrito da
editora.

Tradução: José Feres Sabino

Revisão: Karina Danza

Revisão do ePub: Cristiane Pacanowski

Produção digital: [Hondana](#)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

F978c

Funke, Cornelia Caroline, 1958-

Os caçadores de fantasmas e a assombração de fogo
[recurso eletrônico] / texto e ilustração Cornelia Funke ;
tradução José Feres Sabino. - 1. ed. - São Paulo : Escarlate,
2013.

140 p., recurso digital : il. ; 19 cm.

Tradução de: Gespensterjäger im Feuerspuk
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-66357-68-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil alemã. 2. Livros eletrônicos. I.
Sabino, José Feres. II. Título.

13-04628

CDD: 028.5

CDU: 087.5

28/08/2013 30/08/2013

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Direitos reservados para todo o território nacional pela
SDS Editora de Livros EIRELI
Rua Mourato Coelho, 1215 (Fundos) – Vila Madalena – CEP:
05417-012
São Paulo – SP – Brasil – Tel./Fax: (11) 3032-7603
www.edescarlade.com.br – edescarlade@edescarlade.com.br